

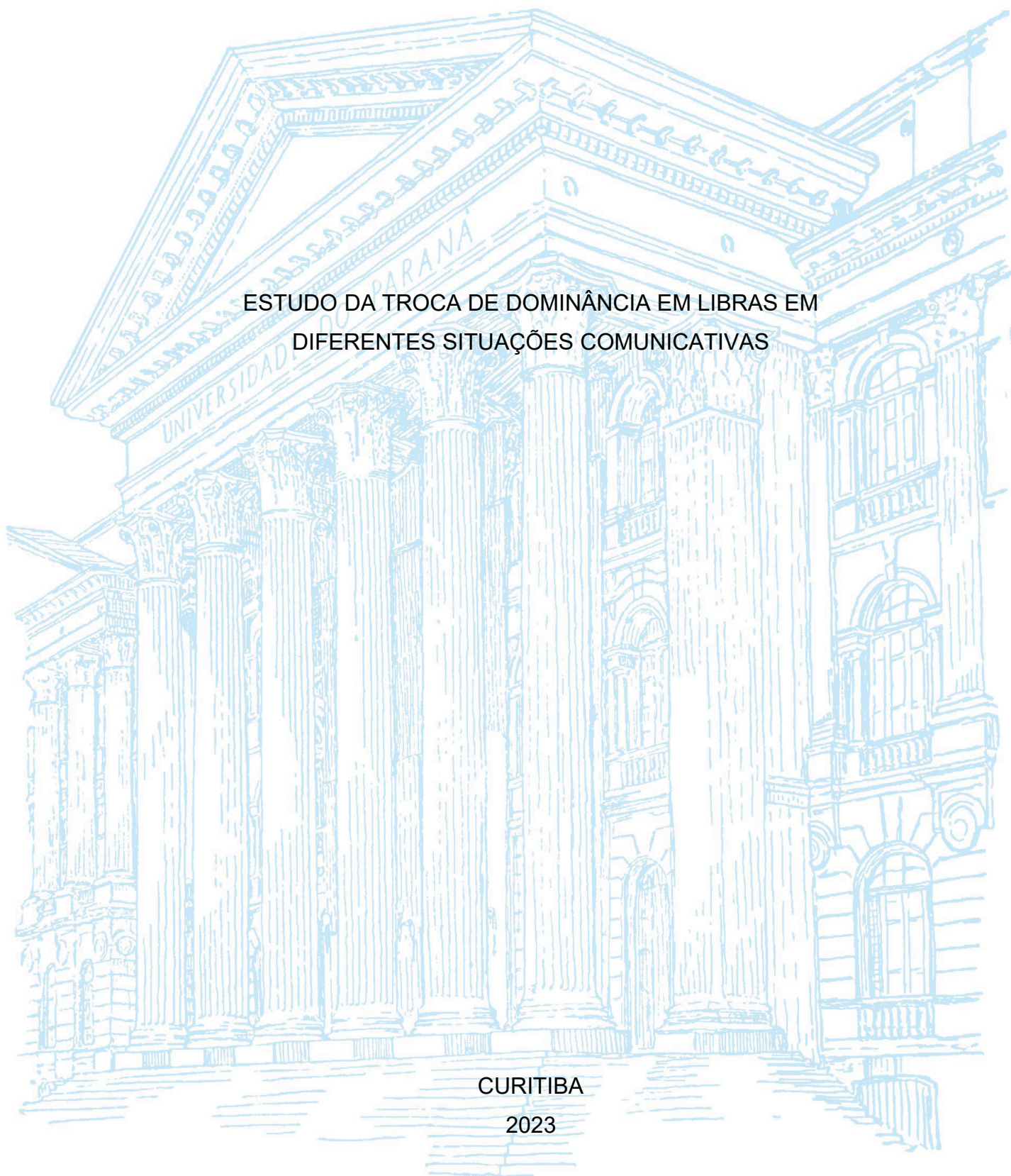
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LORIANNY DE ANDRADE GABARDO

ESTUDO DA TROCA DE DOMINÂNCIA EM LIBRAS EM
DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS

CURITIBA

2023



LORIANNY DE ANDRADE GABARDO

ESTUDO DA TROCA DE DOMINÂNCIA EM LIBRAS EM
DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. André Nogueira Xavier

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Gabardo, Lorianny de Andrade

Estudo da troca de dominância em Libras em diferentes situações comunicativas. / Lorianny de Andrade Gabardo. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. André Nogueira Xavier

1. Língua brasileira de sinais. 2. Surdos. 3. Dominância cerebral. I. Xavier, André Nogueira, 1980-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LORIANNY DE ANDRADE GABARDO** intitulada: **ESTUDO DA TROCA DE DOMINÂNCIA EM LIBRAS EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS**, sob orientação do Prof. Dr. ANDRE NOGUEIRA XAVIER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica

28/02/2023 12:14:36.0

ANDRE NOGUEIRA XAVIER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

27/02/2023 21:29:32.0

LIDIA DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/03/2023 10:53:33.0

FELIPE VENANCIO BARBOSA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Dedico este trabalho a Deus, autor de maravilhas em minha vida, cuja presença me auxilia nas minhas escolhas, abrindo caminhos e me segurando pela mão, me dando confiança frente aos desafios e adversidades, me acompanhando rumo à realização dos meus sonhos. Sem Ele, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador André Nogueira Xavier, pela orientação, acompanhamento, pelas valiosas trocas, paciência, zelo, sugestões e estímulos dados. Também pela valorização deste trabalho, essencial para que eu chegasse até aqui.

À banca examinadora da qualificação, Profa. Dra. Lídia da Silva e Prof. Dr. Carlos Ludwig, e da defesa, Profa. Dra. Lídia da Silva e Prof. Dr. Felipe Venâncio Barbosa, pelas inestimáveis contribuições que muito me ajudaram a melhorar este trabalho.

À Universidade Federal do Paraná, pelas portas abertas à comunidade surda e oportunidade de estudo.

Ao meu amado marido, pelo apoio, orações, cuidado, carinho e paciência, principalmente nos últimos tempos.

À minha família que sempre foi meu ombro e meu apoio.

Aos meus amigos e líderes pelas orações, incentivos e constantes motivações que sempre transmitiram.

“Aprender é a única coisa que a mente nunca se cansa,
nunca tem medo e nunca se arrepende.”

(Leonardo da Vinci)

RESUMO

Segundo Battison (1978), apesar da simetria anatômica, a lateralidade cerebral resulta em uso assimétrico das mãos também na sinalização. Sinalizantes com dominância lateral à esquerda, normalmente, preferem sua mão direita (1) para a realização de sinais tipicamente monomanuais, ou seja, produzidos com uma mão, (2) para o início do movimento em sinais bimanuais equilibrados, isto é, articulados com as duas mãos em movimento, e (3) para o desempenho do papel ativo em sinais bimanuais não-equilibrados, ou seja, realizados com uma das mãos servindo ponto de articulação. Em algumas situações, entretanto, observa-se a *troca de dominância*. Em outras palavras, observa-se que os sinalizantes usam sua mão não-dominante para desempenhar as funções normalmente desempenhadas pela mão de preferência hemisférica na sinalização. O objetivo deste trabalho é investigar mais a fundo a troca de dominância na libras e verificar se sua maior ou menor ocorrência varia em diferentes situações comunicativas, a saber, a conversação livre, a narrativa e a listagem de sinais. Para isso, foram analisados dados de dez sinalizantes surdos catarinenses, cinco homens e cinco mulheres, que integram o Inventário Nacional de Libras (QUADROS et al., 2018). Os resultados indicam que, assim como Gabardo e Xavier (2019), a troca de dominância pode ser motivada (I) pela referencialidade espacial, (II) pela simultaneidade, ou seja, a produção de dois sinais ao mesmo tempo, (III) por uma combinação desses dois fatores e (IV) pelo ambiente fonológico. Adicionalmente, foi observado que (V) a indisponibilidade da mão de preferência hemisférica e (VI) contraste também podem motivar a troca de dominância. Em relação às diferentes situações comunicativas em que as sinalizações analisadas foram produzidas, observou-se maior ocorrência de troca de dominância durante a narração. A listagem de sinais, por sua vez, foi a situação comunicativa em que o processo em questão menos se manifestou. É digno de nota que entre os dez sujeitos, apenas um parece ter dominância lateral à direita, uma vez que empregou mais a mão esquerda na sinalização. Apesar dessa diferença, o referido sujeito não apresentou diferenças marcantes em relação à troca de dominância em comparação com os demais sujeitos com aparente dominância lateral à esquerda.

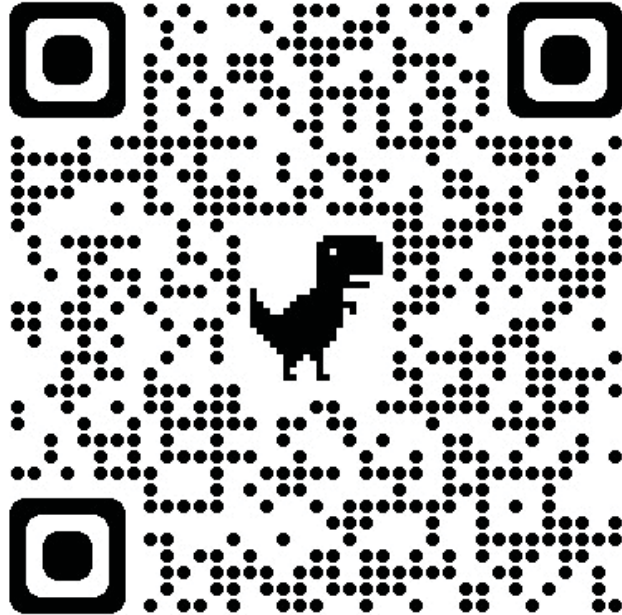
Palavras-chave: Troca de dominância. Libras. Situações comunicativas.

ABSTRACT

According to Battison (1978), despite the anatomical symmetry, cerebral laterality results in asymmetric use of the hands also in signing. Signers with left dominance usually prefer their right hand (1) for performing typical monomanual signs, i.e., produced with one hand, (2) for initiating the movement in balanced bimanual signs, i.e., articulated with two hands in motion, and (3) for performing the active role in unbalanced bimanual signs, i.e., performed with one hand functioning as a point of articulation. In some situations, however, dominance shift is observed. In other words, signers are observed to use their non-dominant hand to perform the functions normally performed by the dominant hand in signing. The goal of this work is to further investigate dominance shift in Libras and to verify whether its higher or lower frequency varies in different communicative situations, namely, free conversation, narrative and sign lists. To do so, data from ten deaf signers from Santa Catarina, five men and five women, who are part of the National Libras Inventory (QUADROS et al., 2018), were analyzed. The results indicate that, similarly to Gabardo and Xavier (2019), dominance shift can be motivated (I) by spatial referentiality, (II) by simultaneity, that is, the production of two signs at the same time, (III) by a combination of these two factors and (IV) by the phonological environment. Additionally, it was observed that (V) the unavailability of the dominant hand and (VI) contrast can also motivate dominance shift. Regarding the different communicative situations in which the data were produced, a higher frequency of dominance shift was observed in narration. Sign list, on the other hand, was the communicative situation in which this process was least observed. It is noteworthy that among the ten subjects only one seems to have right dominance, since he used his left hand more frequently in signing. Despite this difference, that subject did not show remarkable differences in relation to dominance shift compared to the other subjects with apparent left dominance.

Keywords: Dominance shift. Libras. Communicative situations.

RESUMO EM LIBRAS



<https://www.youtube.com/watch?v=loGwZ47TGwk>

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – SINAIS MONOMANUAL, BIMANUAL EQUILIBRADO E BIMANUAL NÃO-EQUILIBRADO.....	17
FIGURA 2 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA NA ASL.....	22
FIGURA 3 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA NA LIBRAS	24
FIGURA 4 – USO DO ESPAÇO.....	26
FIGURA 5– ESPAÇOS (A) DIAGRAMÁTICO, (B) DO OBSERVADOR E (C) ABSTRATO.....	27
FIGURA 6– EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA REFERÊNCIA ESPACIAL.....	28
FIGURA 7– CONSTRUÇÃO SIMULTÂNEA NA LÍNGUA DE SINAIS DE HONG KONG.....	29
FIGURA 8– EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA SIMULTANEIDADE POR RA.....	30
FIGURA 9– EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA SIMULTANEIDADE E REFERENCIALIDADE ESPACIAL POR SN	31
FIGURA 10 – EXEMPLO DE ASSIMILAÇÃO DA CONFIGURAÇÃO E DO NÚMERO DE MÃOS DO SINAL NÃO-SABER PELO SINAL EU.....	31
FIGURA 11 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELO AMBIENTE FONOLÓGICO.....	32
FIGURA 12 – ESTADOS BRASILEIROS ABRANGIDOS PELO INVENTÁRIO NACIONAL DA LIBRAS	33
FIGURA 13 – ESTÍMULOS EMPREGADOS PARA ELICIAR VOCABULÁRIO	36
FIGURA 14 – IMAGENS DAS QUATRO CÂMERAS EMPREGADAS NA COLETA DE DADOS.....	37
FIGURA 15 – PLANILHA COM OS DADOS DO ESTADO DE AL.....	38
FIGURA 16 – ESTADO PARA OS QUAIS FORAM IDENTIFICADOS DADOS EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS E ESTADO SELECIONADO PARA A PRESENTE PESQUISA.....	39
FIGURA 17 - PLANILHA COM OS DADOS DO ESTADO DE SC	39
FIGURA 18 – SINALIZANTES SURDOS CUJAS PRODUÇÕES SÃO ANALISADAS NESTE TRABALHO	40
FIGURA 19 – IMAGENS DA “HISTÓRIA DA PERA”	42

FIGURA 20 – SOMATÓRIA DA DURAÇÃO DOS VÍDEOS ANALISADOS POR SITUAÇÃO COMUNICATIVA.....	42
FIGURA 21 – CATEGORIAS DE ANÁLISE	43
FIGURA 22 – TELA DO ELAN CONTENDO AS TRÊS TRILHAS DE ANOTAÇÃO .	44
FIGURA 23 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA REFERENCIALIDADE ESPACIAL.....	48
FIGURA 24 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA SIMULTANEIDADE.....	49
FIGURA 25 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA TANTO PELA REFERENCIALIDADE ESPACIAL QUANTO PELA SIMULTANEIDADE	50
FIGURA 26 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELO CONTEXTO FONOLÓGICO.....	51
FIGURA 27 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELO CONTRASTE	52
FIGURA 28 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA INDISPONIBILIDADE DA MÃO DE PREFERÊNCIA HEMISFÉRICA.....	53
FIGURA 29 – TROCA DE DOMINÂNCIA COM MOTIVAÇÃO NÃO CLARA	54

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - FREQUÊNCIA DO USO DAS MÃOS NA CONTAÇÃO DA HISTÓRIA DA PERA POR DUAS SINALIZANTES SURDAS DO ESTADO DE SÃO PAULO ..25	
GRÁFICO 2 - FREQUÊNCIA DAS MOTIVAÇÕES PARA TROCAS DE DOMINÂNCIA POR SINALIZANTE.....32	
GRÁFICO 3 – PERFIL DOS 10 SUJEITOS CUJAS PRODUÇÕES SÃO ANALISADAS NESTE TRABALHO.....41	
GRÁFICO 4 – DOMINÂNCIA CEREBRAL DOS 10 SINALIZANTES CUJAS PRODUÇÕES FORAM ANALISADAS.....46	
GRÁFICO 5 – FREQUÊNCIA DA TROCA DE DOMINÂNCIA POR MOTIVAÇÃO ...53	
GRÁFICO 6 – CASOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA POR SITUAÇÃO COMUNICATIVA.....55	
GRÁFICO 7 – MOTIVAÇÕES PARA A TROCA DE DOMINÂNCIA POR SITUAÇÃO COMUNICATIVA.....55	
GRÁFICO 8 – TROCA DE DOMINÂNCIA POR SINALIZANTE E TIPO DE SINAL ..56	

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CONVENÇÕES PARA A GLOSA DE SINAIS	44
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

LIBRAS	- Língua Brasileira de Sinais
ASL	- American Sign Language
L1	- Primeira Língua
L2	- Segunda Língua
AL	- Alagoas
SC	- Santa Catarina
ELAN	- <i>Eudico Language Annotator</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	17
1.2 OBJETIVOS	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivo Específico.....	18
1.3 JUSTIFICATIVA	18
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 A LATERALIDADE CEREBRAL	20
2.2 A TROCA DE DOMINÂNCIA	21
2.2.1 A troca de dominância na ASL	21
2.2.2 A troca de dominância na Libras	24
2.3 MOTIVAÇÕES PARA A TROCA DE DOMINÂNCIA	25
3 MATERIAL E MÉTODO	33
3.1 FONTE DE DADOS	33
3.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E EXCLUSÃO	38
3.3 CATEGORIAS DE ANÁLISES	43
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES	43
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	45
4.1 DOMINÂNCIA CEREBRAL	45
4.2 MOTIVAÇÃO DA TROCA DE DOMINÂNCIA	47
4.2.1 Identificação dos mesmos motivos reportados por Gabardo e Xavier (2019) ..	47
4.2.2 Identificação de motivos não reportados por Gabardo e Xavier (2019)	51
4.3 DÚVIDAS	53
4.4 A TROCA DE DOMINÂNCIA EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
5.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS	58
5.2 SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS	59
6 REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Sou natural de Curitiba/PR, tenho 29 anos, sou surda, formada em Educação Física (Dom Bosco - 2015) e Letras Libras (UFPR - 2018). Desde sempre, sou apaixonada pelos estudos relacionados ao corpo, o que me traz aqui, aprofundando cada vez mais, na área da lingüística, o estudo sobre a relação entre corpo e língua. Como surda oralizada, vivo em dois mundos, o dos surdos e o dos ouvintes. A frequência que as pessoas ouvintes me questionam se usar a mão esquerda no lugar da direita (ou vice-versa) ao sinalizar interfere no significado do sinal é grande. Nós, surdos, fazemos isso sem perceber, pois é algo natural, já que a Libras é a nossa primeira língua (L1). Essa curiosidade me despertou um desejo de pesquisar esse tema e com isso contribuir com o avanço das pesquisas sobre a Libras e seu ensino para ouvintes como segunda Língua (L2).

Conforme explica Battison (1978), os sinalizantes tendem a preferir sua mão de preferência hemisférica, direita ou esquerda, para produção de sinais canonicamente monomanuais, ou seja, realizados com uma mão (FIGURA 1a), para iniciar o movimento em sinais bimanuais equilibrados, isto é, articulados com duas mãos em movimento (FIGURA 1b), e para desempenhar o papel ativo em sinais bimanuais não-equilibrados, ou seja, em sinais realizados com uma mão em movimento, portanto ativa, e com a outra parada, logo, passiva (FIGURA 1c).

FIGURA 1 – SINAIS MONOMANUAL, BIMANUAL EQUILIBRADO E BIMANUAL NÃO-EQUILIBRADO



FONTE: Reproduzido de Gabardo e Xavier (2019, p.77)

¹ Seguimos aqui as convenções de transcrição dos sinais de Felipe e Salerno (2001) a serem descritas na seção 3.4.

Apesar disso, Battison (1978) menciona que, em certas circunstâncias, sinalizantes invertem o uso das mãos. Esses casos são por ele designados *troca de dominância* e, basicamente, consistem no uso da mão não-dominante para desempenhar papéis típicos da mão de preferência hemisférica.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

A presente dissertação tem como objetivo geral pesquisar a troca de dominâncias em diferentes situações comunicativas.

1.2.2 Objetivo Específico

- a) Analisar a troca de dominância em três situações comunicativas: Conversação, Narrativa e Lista de sinais.
- b) Com base em Gabardo e Xavier (2019), identificar os motivos que influenciam a troca de mãos, a saber, (1) a referencialidade espacial, (2) a simultaneidade, (3) uma combinação de (1) e (2) ou (4) o ambiente fonológico.

1.3 JUSTIFICATIVA

1. Gabardo e Xavier (2019) analisaram duas sinalizantes surdas em apenas uma situação comunicativa: narração da história da pera, com isso, esta pesquisa pretende investigar se uma mesma pessoa em diferentes situações comunicativas apresentará troca de dominância da mesma forma ou não;
2. Contribuir com a descrição da libras;
3. Contribuir com o ensino da libras como L2;
4. Contribuir com a ciência linguística, de uma forma geral.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está organizada da seguinte forma. No Capítulo 1, apresento uma breve introdução, com uma apresentação da autora, do tema desta dissertação e de seus objetivos. No Capítulo 2, apresento a revisão de literatura a respeito da lateralidade cerebral, da troca de dominância na ASL e na Libras e de suas motivações. No Capítulo 3, descrevo a metodologia utilizada para a coleta de dados, com seus critérios de inclusão e exclusão, sua categorização e o procedimento de análise dos dados. No Capítulo 4, apresento os resultados dos dados levantados, mostrando a mão preferida dos sinalizantes para a sinalização, os motivos que influenciaram a troca de dominância e a frequência desse processo nas três situações comunicativas aqui consideradas. Por fim, no Capítulo 5, apresento a conclusão deste trabalho, fazendo uma comparação com os resultados de Gabardo e Xavier (2019) e sugerindo pesquisas futuras.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A LATERALIDADE CEREBRAL

De acordo com Nascimento (2011), quando escrevemos, usamos talheres, atendemos ao telefone, tendemos a usar mais uma das mãos. O uso assimétrico das mãos resulta da lateralidade ou dominância, descrito pela autora, como resultado do fato de que o hemisfério direito controla a metade esquerda do corpo, enquanto a outra metade é controlada pelo hemisfério esquerdo. Se em um indivíduo o hemisfério esquerdo é dominante, este será destro. Quando um indivíduo apresenta dominância do hemisfério direito, ele é sinistro ou canhoto.

Nascimento (2011, p. 49) reporta ainda que a lateralidade pode se manifestar de quatro formas principais:

- (1) **Destralidade verdadeira:** a dominância lateral à direita e preferência pelo uso dos membros direitos;
- (2) **Sinistralidade verdadeira:** dominância lateral à esquerda e preferência pelo uso dos membros esquerdos;
- (3) **Falsa sinistralidade:** adoção da sinistralidade por conta de uma paralisia ou amputação;
- (4) **Falsa destralidade:** inverso da falsa sinistralidade.

Além desses quatro tipos, a autora também menciona a existência de outras possibilidades. Segundo ela, a lateralidade ou dominância pode se apresentar:

cruzada, na qual há discordância estabelecida entre o lado preferencial utilizado pelo membro superior e inferior, ou entre olho e membros; ambidestra, em que as tarefas são realizadas com habilidade similar por ambos os membros; e lateralidade mal definida, quando não há estabelecimento da utilização preferencial dos segmentos do corpo” (NASCIMENTO, 2011; p. 50).

A respeito da preferência por uma ou outra mão, Nascimento (2011) reporta que a definição da preferência manual baseada predominantemente na escrita é muito simplória, pois deve-se levar em conta que a escolha de uma das mãos pode variar em graus e de acordo com a tarefa motora. Sendo assim, um mesmo

indivíduo pode preferir uma das mãos para executar tarefas como escrever, mas pode preferir a outra mão outras tarefas.

2.2 A TROCA DE DOMINÂNCIA

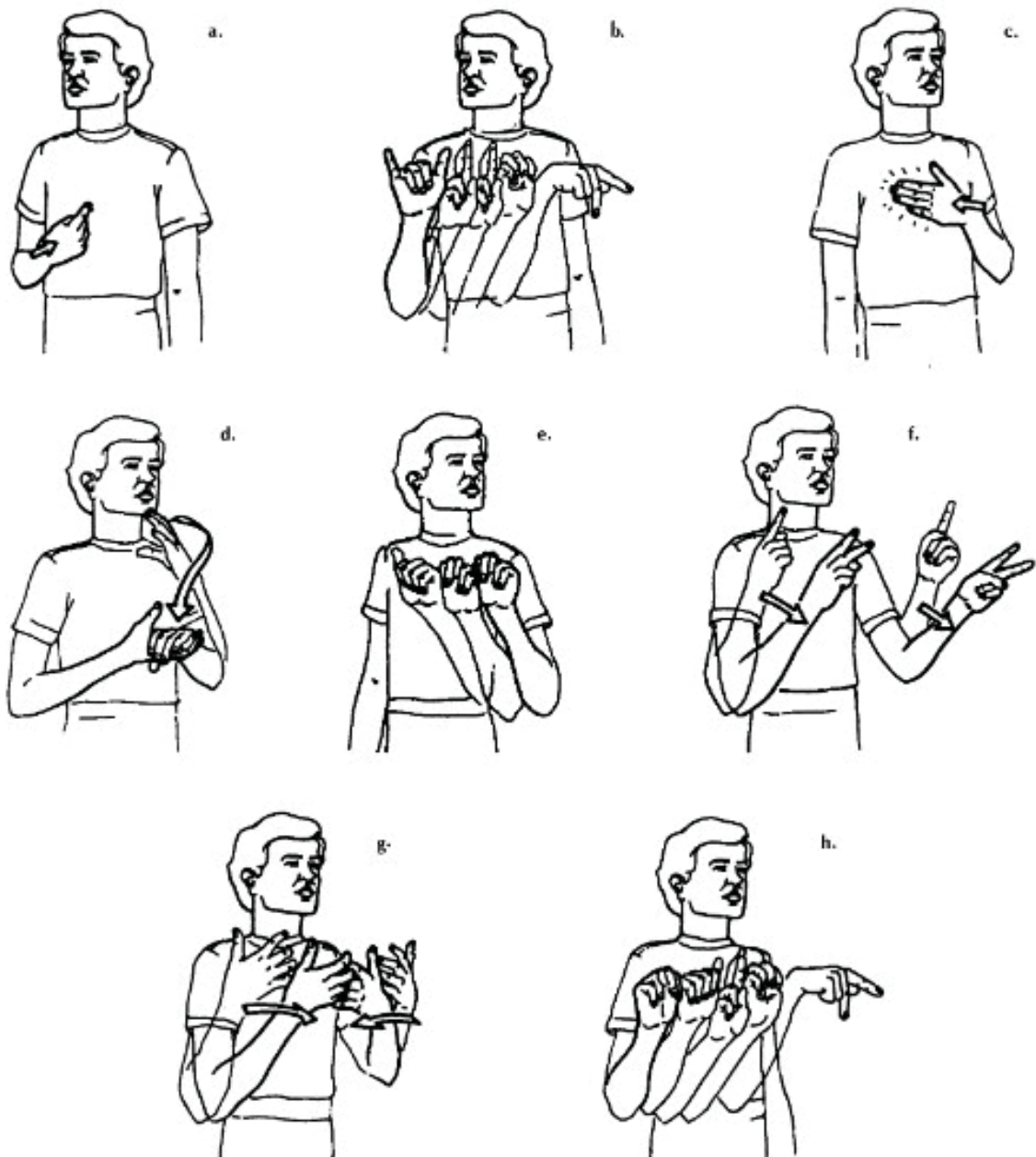
2.2.1 A troca de dominância na ASL

Frishberg (1985) realizou o primeiro estudo sobre troca de dominância na ASL. A autora analisou narrativas e observou que o uso da mão não-dominante para realizar ações típicas da mão de preferência hemisférica, a saber, produzir sinais monomanuais, iniciar o movimento de sinais bimanuais equilibrados e desempenhar o papel ativo de sinais não-equilibrados, tem o propósito de criar conexões semânticas ou contrastes entre elementos.

Zimmer (1989), em um estudo que objetivou analisar a variação no registro da ASL com base em diferentes situações comunicativas, precisamente, aula universitária, conversa informal e entrevista, além de variações fonológicas, lexicais e morfossintáticas, investigou também a troca de dominância. De acordo com a autora, esse processo foi mais frequente na aula universitária, do que nas outras situações comunicativas.

A referida autora cita um exemplo observado na conversação informal, no qual o sinalizante explica como foi formado o nome de seu filho. Como se pode ver na FIGURA 2, o enunciado começa com o sinalizante dizendo “meu nome” (FIGURA 2a) “é Perry” (FIGURA 2b). Esse fragmento é produzido com sua mão de preferência hemisférica. Na sequência, para se referir à sua esposa, o sinalizante faz uma troca de dominância e com sua mão não-dominante sinaliza “minha esposa” (FIGURA 2c-d) “se chama Ann” (FIGURA 2e). Depois, ele sinaliza com as duas mãos que “metade de cada nome” (FIGURA 2f) “foi combinada” (FIGURA 2g). Por fim, com sua mão de preferência hemisférica soletra o nome de seu filho, “Peran” (FIGURA 2h). Esse é um exemplo em que claramente a troca de dominância foi motivada por razões semânticas e/ou pragmáticas, uma vez que o sinalizante, por meio do uso de mãos diferentes, diferencia cada nome que foi utilizado para formar um terceiro.

FIGURA 2 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA NA ASL



FONTE: Reproduzido de Zimmer (1989, p.436)

Como exemplo de troca de dominância na aula universitária, Zimmer (1989) cita um excerto em que, segundo ela, esse processo deve ocorrer, diferentemente do caso anterior, por razões estilísticas. Como se pode ver na transcrição a seguir, o sinalizante alterna a produção de sinais monomanuais entre a sua mão de preferência hemisférica e não-dominante (ZIMMER, 1989, p. 435). Neste exemplo, Zimmer (1989) mostra um segmento da aula universitária, registro em que a troca de mãos é frequente. O professor está falando sobre a questão de sinalizantes nativos

versus não nativos da ASL e indicando que os sinalizantes que adquiriram o idioma de seus pais são sinalizantes nativos da ASL.

D_____ E_____
 TOD@ SURD@ COMUNIDADE POSS.3
 “Em toda a comunidade surda”
 E_ D_____ E_ D_____
 DET/ PRO.1 FALAR A-S-L NATIV@
 E_____
 N-A-T-I-V-O DET
 “Há aqueles que são usuários nativos da ASL”
 E_ D_____ E_
 LÁ SIGNIFICAR LÁ
 “Aqueles falantes”
 D_____ E_____ D_____
 SIGNIFICAR POSS.3 PAIS
 “Aqueles cujos pais são surdos”
 D_____ E_____
 A-S-L PASSAR ACEITAR NATIV@ A-S-L²
 “receberam a língua deles e são usuários nativos da ASL”

FONTE: Traduzido de Zimmer (1989, p. 435)³

² Nessa transcrição, D significa mão direita; E, mão esquerda; o traço, os sinais que foram articulados por uma das mãos, POSS.3, possessivo de terceira pessoa e DET, determinante.

³

R_____ L_____
 ALL-OVER DEAF COMMUNITY POSS.3
 “Throughout the deaf community”
 L_ R_____ L_ R_____
 DET/ PRO.1 TALK A-S-L NATIVE
 L_____
 N-A-T-I-V-E DET
 “There are those who are native users of ASL”
 L_ R_ L_____
 THERE MEAN THERE
 “Those speakers”
 R_ L_____ R_____
 MEAN POSS.3 PARENT
 “the ones whose parents are deaf”
 R_____ L_____
 A-S-L HAND-DOWN ACCEPT NATIVE A-S-L
 “have received the language from them and
 are native users of ASL”

2.2.2 A troca de dominância na Libras

Como explicado na seção anterior, a troca de dominância consiste no uso da mão não-dominante para desempenhar papéis típicos da mão de preferência hemisférica durante a sinalização. Precisamente, realizar sinais monomanuais (Figura 3a), iniciar o movimento em sinais bimanuais equilibrados (Figura 3b) e atuar como mão ativa em sinais bimanuais não-equilibrados (Figura 3c).

FIGURA 3 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA NA LIBRAS



(a) HOMEM



(b) BICICLETA



(c) ÁRVORE

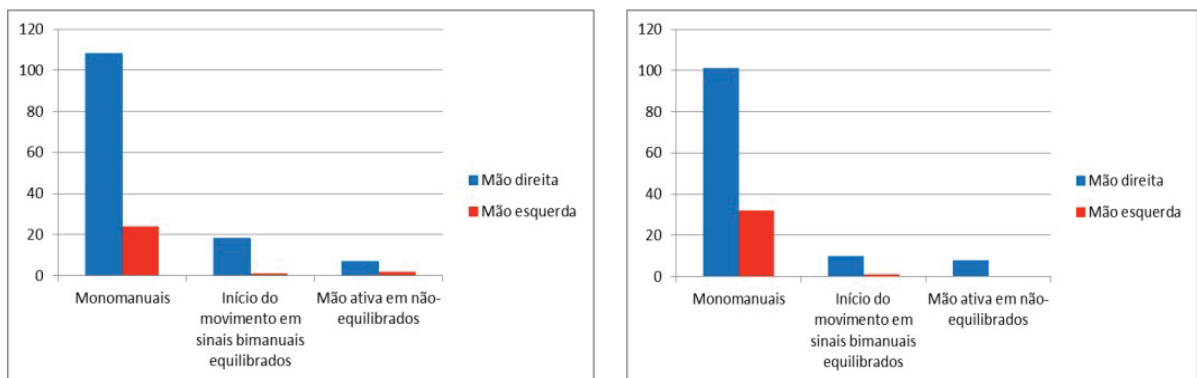
FONTE: Reproduzido de Gabardo e Xavier (2019, p. 77)

Gabardo e Xavier (2019) analisaram duas contações da história da pera por duas sinalizantes surdas do estado de São Paulo. Um dos passos de sua análise consistiu em um levantamento de todos os sinais monomanuais, bimanuais equilibrados e bimanuais não-equilibrados produzidos por cada uma das

sinalizantes, objetivando, com isso, determinar a mão preferida para a sinalização de ambas, logo, a dominante. Esse passo, de acordo com os autores, foi fundamental para que pudessem identificar os casos de troca de dominância, já que não tinham informações quanto à destalidade ou sinistralidade das sinalizantes.

Precisamente, Gabardo e Xavier (2019) classificaram os sinais produzidos em relação ao seu número de mãos e à mão usada em sua produção. Os resultados desse levantamento sugerem que ambas as sinalizantes têm dominância à esquerda, uma vez que preferem a mão direita para articular sinais monomanuais, para iniciar o movimento em sinais bimanuais equilibrados e para desempenhar o papel ativo em sinais não-equilibrados (GRÁFICO 1).

GRÁFICO 1 - FREQUÊNCIA DO USO DAS MÃOS NA CONTAÇÃO DA HISTÓRIA DA PERA POR DUAS SINALIZANTES SURDAS DO ESTADO DE SÃO PAULO



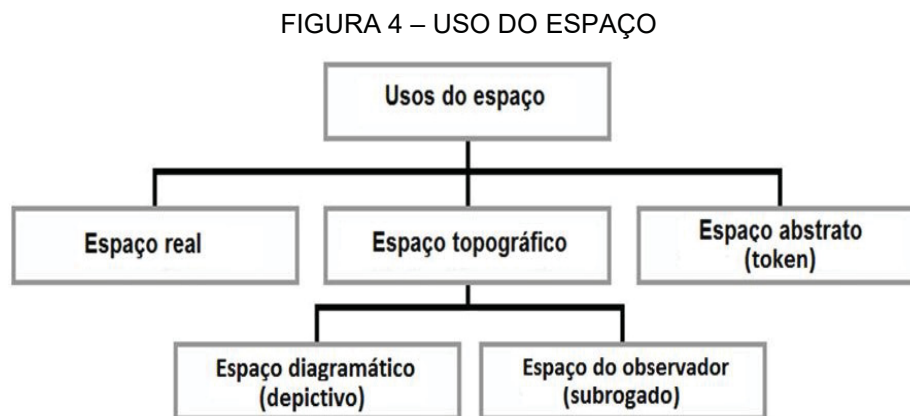
FONTE: Reproduzido de Gabardo e Xavier (2019, p. 80-81)

Diante desses resultados, os autores entenderam que a troca de dominância ocorreu justamente quando as funções típicas da mão de preferência hemisférica foram desempenhadas pela mão esquerda. Do ponto de vista quantitativo, as sinalizantes não diferiram muito entre si em relação à ocorrência desse fenômeno.

2.3 MOTIVAÇÕES PARA A TROCA DE DOMINÂNCIA

Conforme Gabardo e Xavier (2019) explicam, a análise dos 56 casos de troca de dominância identificados sugeriu quatro motivações para sua ocorrência: (1) a referencialidade espacial, (2) a simultaneidade, (3) uma combinação de (1) e (2) e (4) o ambiente fonológico.

A referencialidade espacial diz respeito à disposição de eventos e referentes no espaço de sinalização e a consequente partição do corpo, refletida no uso das mãos direita e esquerda para referência a espaços contíguos. Segundo Johnston e Schembri (2007), os sinalizantes fazem uso de três espaços em sua sinalização, a saber, o *espaço real*, o *espaço topográfico*, que se subdivide em *espaço diagramático* ou *depictivo* e *espaço do observador* ou *subrogado*, e o *espaço abstrato*, também chamado de *espaço token* (FIGURA 4).



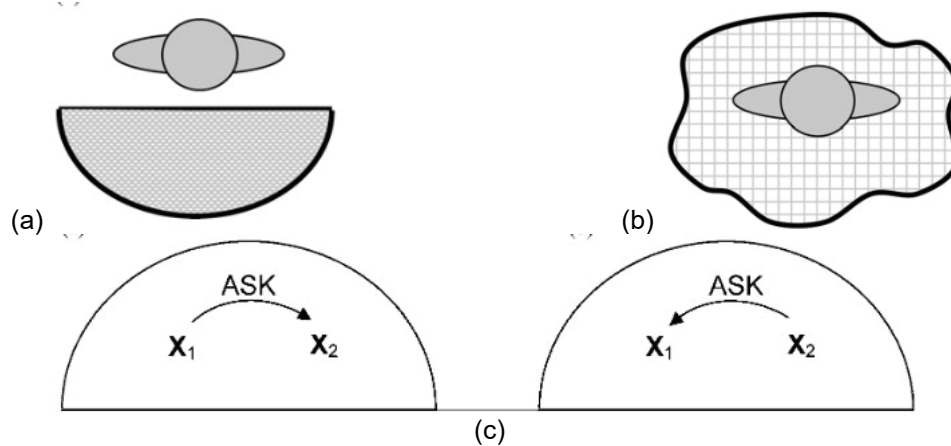
FONTE: Traduzido de Johnston e Schembri (2007, p. 166)

O espaço real corresponde ao espaço onde se dá a sinalização. O espaço topográfico será diagramático ou depictivo, quando o sinalizante usar o espaço em frente ao seu corpo para construir cenários em escala menor. Nesse caso, as entidades aí localizadas são representadas por meio das mãos e braços. Por outro lado, o espaço topográfico será espaço do observador ou subrogado quando o sinalizante representar entidades, em geral humanas, em escala maior por meio de seu corpo. Nesse caso, os cenários serão representados no espaço em volta do corpo do sinalizante. Por fim, o espaço abstrato ou *token*, por sua vez, corresponde ao espaço em frente ao corpo do sinalizante em que, diferentemente do espaço real, localizações são atribuídas a referentes não presentes no momento da enunciação.

Para tornar a diferenciação entre os dois tipos de espaço topográfico e espaço abstrato ou token mais clara, reproduzo ilustrações empregadas para o mesmo fim por Perniss (2012). As FIGURAS 5a-b representam, respectivamente, os espaços diagramático e do observador, enquanto a FIGURA 5c representa o espaço abstrato. Nesse caso, indicam-se dois pontos no espaço em frente ao sinalizante atribuídos a pessoas não presentes no momento da enunciação e duas realizações

do verbo ASK ‘perguntar’ da ASL partindo de um desses pontos na direção do outro e vice-versa.

FIGURA 5– ESPAÇOS (A) DIAGRAMÁTICO, (B) DO OBSERVADOR E (C) ABSTRATO

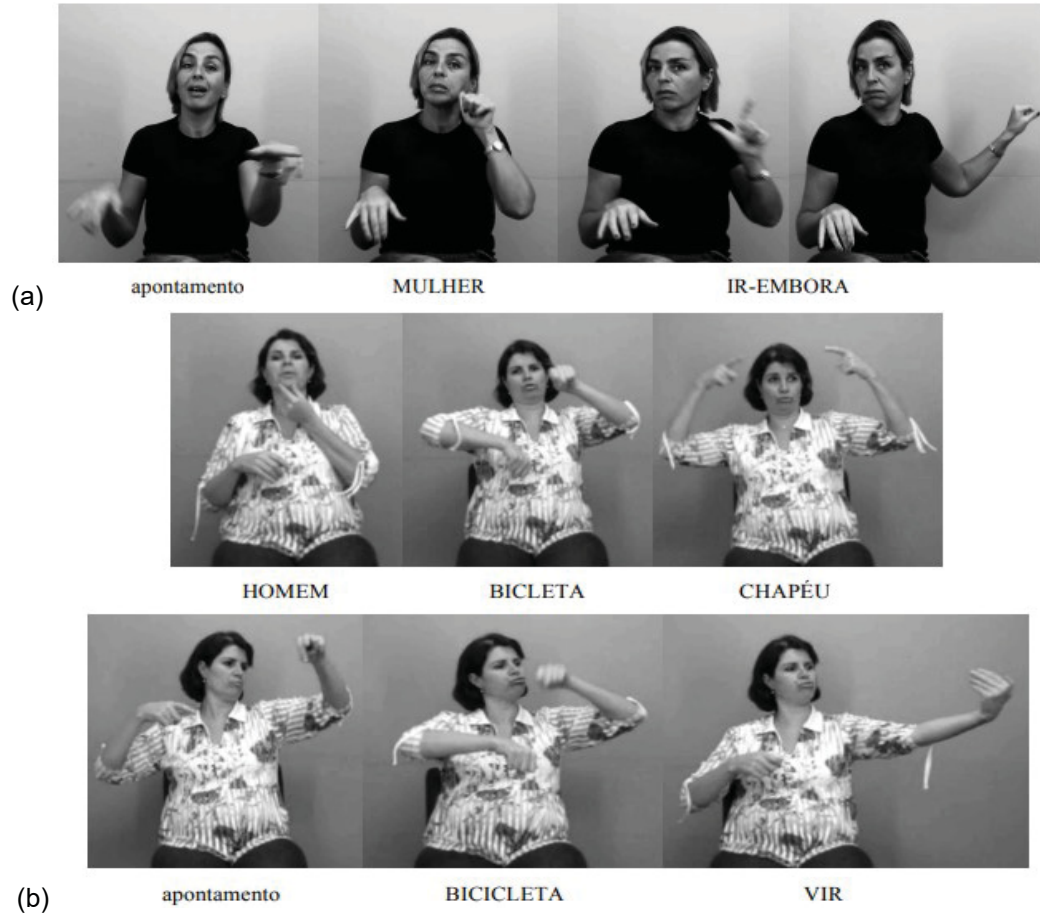


FONTE: Reproduzido de Perniss (2012, p. 414 e 419)

A referencialidade em todos esses espaços pode motivar a troca de dominância. Em outras palavras, o sinalizante pode usar sua mão não-dominante para desempenhar funções típicas da mão de preferência hemisférica, porque o referente está espacialmente contíguo a ela no espaço real ou porque foi alocado no espaço topográfico ou no espaço abstrato do lado em frente a ela.

Isso pode ser ilustrado com um dado reportado por Gabardo e Xavier (2019) e reproduzido na FIGURA 6a. Nele, vê-se a sinalizante estabelecer para a referência da menina da “História da pera” uma localização à sua esquerda, por meio de um apontamento também realizado com a mão esquerda. Após isso, ela reporta o que aconteceu com a personagem em discussão, sinalizando com a mão esquerda. Algo muito parecido acontece no exemplo apresentado na FIGURA 6b. Como mostram as imagens, a sinalizante emprega sua mão esquerda para referir-se tanto ao menino da bicicleta quanto à localização, também à esquerda, e às ações, relacionadas a ele no espaço de sinalização.

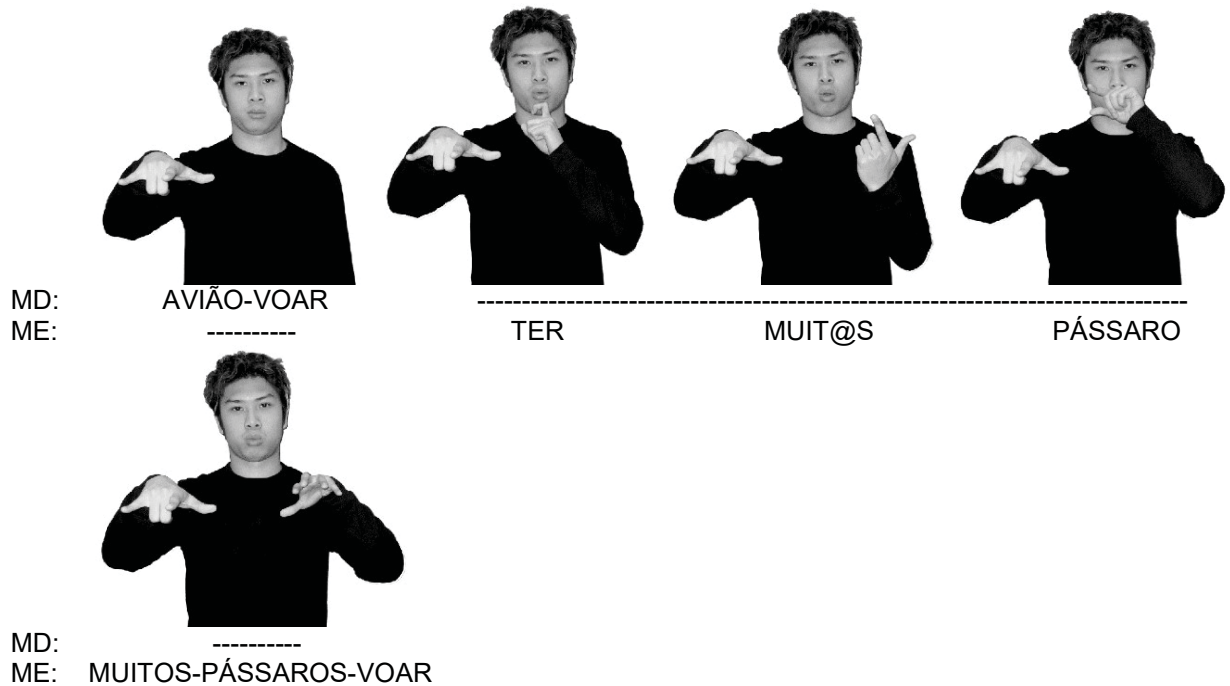
FIGURA 6– EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA REFERÊNCIA ESPACIAL



FONTE: Reproduzido de Gabardo e Xavier (2019, p. 82)

A simultaneidade, por sua vez, se refere à produção de dois sinais ao mesmo tempo, um em cada mão (TANG; SZE; LAM, 2007). Em seu trabalho sobre a aquisição de construções simultâneas na língua de sinais de Hong Kong, Tang, Sze e Lam (2007) exemplificam esse processo com o exemplo retratado na FIGURA 7.

FIGURA 7– CONSTRUÇÃO SIMULTÂNEA NA LÍNGUA DE SINAIS DE HONG KONG



FONTE: Reproduzido e traduzido de Tang, Sze e Lam (2007, p. 290)

LEGENDA: *O avião voou (no céu). Muitos pássaros voaram juntos.*

No exemplo da FIGURA 7, vê-se que o sinalizante produziu com sua mão direita, provavelmente sua mão de preferência hemisférica, o sinal AVIÃO-VOAR e na sequência produz simultaneamente com sua mão esquerda, provavelmente sua mão não-dominante, uma série de outros sinais.

Gabardo e Xavier (2019) ressaltam que os casos em que a simultaneidade atua na troca de dominância são aqueles em que a mão não-dominante desempenha o papel de mão ativa, enquanto a mão de preferência hemisférica se mantém estacionária realizando outro sinal ou parte de outro sinal. Esse parece ser o caso do dado da língua de sinais de Hong Kong, bem como o dado da libras reportado por Gabardo e Xavier (2019) e reproduzido na FIGURA 8. Como indicam as imagens, a sinalizante mantém a articulação do sinal SEGURAR-PERA na mão direita, sua mão de preferência hemisférica, e produz, com a mão esquerda, sua mão não-dominante, o sinal LIMPAR.

FIGURA 8– EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA SIMULTANEIDADE POR RA



FONTE: Reproduzido de Gabardo e Xavier (2019, p. 83)

Gabardo e Xavier (2019) reportam ainda que há casos de troca de dominância na Libras resultantes da combinação da referencialidade espacial com a simultaneidade. Segundo os autores, nessas situações a mão de preferência hemisférica articula um dado sinal e mantém sua articulação, enquanto a mão não-dominante produz outros sinais. Porém, diferentemente do caso retratado na FIGURA, isso ocorre porque a localização no espaço de sinalização do sinal articulado com a mão de preferência hemisférica parece ser relevante para a sua referenciação e, por essa razão, o sinalizante acaba sendo “forçado” a fazer a troca de dominância para realizar outro(s) sinal(is). Eles citam como exemplo de casos desse tipo a produção que reproduzo na FIGURA 9. Nela, pode-se ver que a localização do sinal PERA à direita do espaço de sinalização decorre da organização do cenário do evento descrito. Precisamente, a pera que está fora da cesta está à direita desta. A contiguidade da mão direita a essa localização certamente levou a sinalizante a utilizá-la na realização do sinal PERA e, por indisponibilidade desta, a realizar simultaneamente com a esquerda o sinal SOBRAR.

FIGURA 9– EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA SIMULTANEIDADE E REFERENCIALIDADE ESPACIAL POR SN



FONTE: Reproduzido de Gabardo e Xavier (2019, p. 84)

Por fim, o ambiente fonológico parece ser a motivação para a troca de dominância em alguns casos. Em outras palavras, Gabardo e Xavier (2019) observaram algumas situações em que um determinado sinal é produzido com a mão não-dominante porque essa mão já estava ativa e já havia produzido o sinal anterior. Esse processo é denominado *assimilação* e consiste, segundo Silva e Xavier (2020), na cópia, por um dado sinal, de características de sinais adjacentes. Os referidos autores ilustram a assimilação na Libras com o dado reproduzido na FIGURA 10. Nele, vê-se o sinal EU, tipicamente produzido com apenas uma mão e com a configuração de mão em 1, ou seja, indicador estendido e demais fechados, com duas mãos e com a mesma configuração do sinal seguinte, NÃO-SABER.

FIGURA 10 – EXEMPLO DE ASSIMILAÇÃO DA CONFIGURAÇÃO E DO NÚMERO DE MÃOS DO SINAL NÃO-SABER PELO SINAL EU



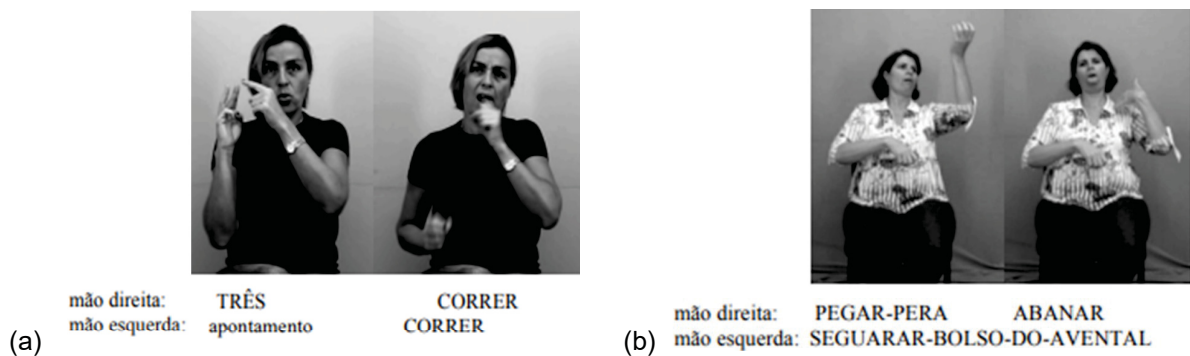
MD:	EU	NÃO-SABER
ME:	EU	NÃO-SABER

FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 6)

A troca de dominância motivada por assimilação pode ser ilustrada pelo exemplo da FIGURA 11a. Nele, observa-se a sinalizante iniciar o movimento do sinal bimanual equilibrado seguinte, CORRER, com a mão esquerda provavelmente,

porque ela já estava ativa, realizando o apontamento sobre a mão direita, passiva, na construção anterior. O mesmo parece explicar a realização com a mão esquerda de ABANAR (FIGURA 11b). Como indicam as imagens, esse sinal é produzido logo após o sinal PEGAR-PERA, também articulado pela mão esquerda, enquanto a mão direita realiza um outro sinal, a saber, SEGURAR-BOLSO-DO-AVENTAL, durante todo esse fragmento.

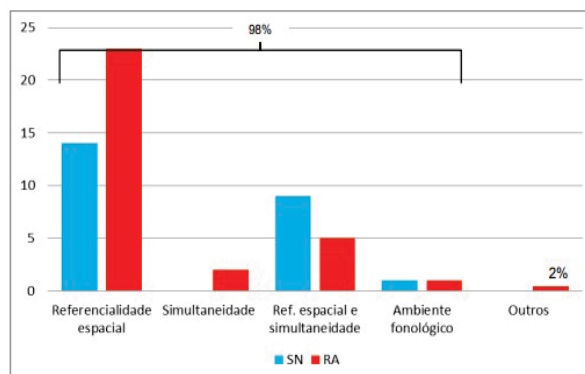
FIGURA 11 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELO AMBIENTE FONOLÓGICO



FONTE: Gabardo e Xavier (2019, p. 85)

De acordo com Gabardo e Xavier (2019), essas quatro motivações abrangeram 98% dos dados analisados. Para 2% deles, no entanto, os autores reportam que não foi identificada motivação para troca de dominância, conforme se pode ver no GRÁFICO 2.

GRÁFICO 2 - FREQUÊNCIA DAS MOTIVAÇÕES PARA TROCAS DE DOMINÂNCIA POR SINALIZANTE



FONTE: Gabardo e Xavier (2019, p. 85)

filmagens foram realizadas no estúdio na Universidade Federal de Santa Catarina com quatro filmadoras para capturar os participantes em diferentes ângulos. Cada participante da entrevista visualizava o seu interlocutor e uma tela com as imagens relacionadas ao tema da interação. A seguir descreverei como foram coletados os dados de cada situação comunicativa.

ENTREVISTA

Conforme explicam Quadros et al. (2018), a entrevista foi realizada por um surdo local conhecido pelos participantes. O roteiro da entrevista foi elaborado de forma a eliciar relatos sobre a vida dos participantes.

Roteiro da entrevista:

1. Relato sobre sua história de vida.
2. O sinal que tem e como este sinal foi dado à pessoa.
3. Idade.
4. Relação familiar.
5. Aquisição da língua de sinais.
6. Contato com pessoas surdas.
7. Contato com os ouvintes.
8. Relação com as línguas (sinais, falada e escrita).
9. Experiência educacional.
10. Escolarização.
11. Experiência profissional.
12. Inserção na associação de surdos.
13. Fatos marcantes.

(QUADROS et al., 2018, p. 36)

CONVERSAS

Segundo Quadros et al., (2018), os participantes foram orientados a conversar livremente por 10 minutos. Em seguida, solicitou-se a eles que conversassem por mais 10 minutos sobre um determinado tema. Esse tema foi indicado por meio de um título e de uma figura em uma folha. Os temas envolveram questões atuais e questões sobre a comunidade surda, a saber:

- Trânsito em Florianópolis;
- Manifestação pública em Florianópolis;
- Copa 2014;
- Escolas de surdos e escolas de ouvintes (inclusão);
- Tecnologias e implante coclear;
- Associação de surdos.

(QUADROS et al., 2018, p. 36-7)

NARRATIVAS

De acordo com Quadros et al. (2018), solicitou-se que cada participante assistisse a um vídeo com uma história e que a narrasse para seu colega, que não viu o vídeo. As histórias escolhidas foram: “Onde está você?”, adaptada de Mercer Maya, e “Roupa que eu quero”, de Maurício de Souza.

Além dessas duas histórias com fala, foram coletadas também histórias sem fala. As histórias coletadas foram Charles Chaplin, Tom e Jerry, História da Pera e Mister Bean. Conforme explicam Quadros et al. (2018), cada participante assistiu a dois vídeos para que pudesse contar duas histórias ao seu parceiro. Precisamente, o participante 1 assistiu ao vídeo do Charles Chaplin e do Tom e Jerry. O participante 2, por sua vez, assistiu aos vídeos da História da Pera e do Mister Bean. A duração desses vídeos é de no máximo 3 minutos. Depois de assistir (mais de uma vez, se assim desejasse), o participante contou a história em Libras para o seu colega.

LISTAS DE SINAIS

Segundo Quadros et al. (2018), as listas de sinais eliciadas abrangeram oito campos semânticos. Esses campos se referem a cores, família, calendário, frutas, legumes, alimentos, estados e profissões. Os referidos autores explicam que os surdos locais apresentavam as figuras em 13 a cada participante individualmente e pediam a ele para produzir os respectivos sinais.

FIGURA 13 – ESTÍMULOS EMPREGADOS PARA ELICIAR VOCABULÁRIO



Fonte: Quadros et al. (2018, p. 38)

COLETA DE DADOS

De acordo com Quadros et al. (2018), a coleta de dados foi concluída em dezembro de 2015. Ela compreendeu a entrevista de 36 duplas de surdos, seis em cada grupo com base em sua faixa etária e o gênero.

Os referidos autores explicam ainda que as câmeras foram posicionadas da seguinte forma: câmera 1 - focada nos dois participantes de frente; câmera 2 - focada no participante 1, câmera 3 - focada no participante 2, câmera 4 - focada nos dois participantes com visão de cima, conforme se pode ver na FIGURA 14.

FIGURA 14 – IMAGENS DAS QUATRO CÂMERAS EMPREGADAS NA COLETA DE DADOS



FONTE: Produzida pela autora

Os vídeos totalizaram 2.340 perspectivas, com 10 a 30 minutos cada, totalizando em torno de 780 horas de vídeo e 195 horas de interações em Libras (QUADROS et al., 2018, p. 39).

Quadros et al. (2018) reportam que dos 861 participantes surdos:

- 452 são mulheres (52%) e 409 são homens (48%);
- 40% estão na faixa entre os 19 e 29 anos de idade, 36% estão na faixa entre 30 e 39 anos, 13% com idade entre 40 e 49 anos. Apenas 5% dos falantes têm mais de 50 anos e 1% tem até 18 anos de idade, e ainda assim, temos 5% dos surdos que não informaram a sua faixa etária.

(QUADROS et al., 2018, p. 106 e 108)

Em relação à escolaridade, Quadros et al. (2018) registram que grande parte dos surdos participantes da pesquisa está inserida no ensino superior, mas, além desses, há 2% que possuem apenas Ensino Fundamental Completo, 2% que ainda não concluíram o Ensino Fundamental, 4% de surdos com Ensino Médio Incompleto e 20% com Ensino Médio Completo.

Quanto ao diagnóstico da surdez, os referidos autores reportam que 79% dos participantes surdos tiveram sua surdez diagnosticada até os 4 anos de idade, 12%

descobriram a surdez entre os 5 e 12 anos de idade, 4% entre os 13 e 18 anos e 5% com mais de 19 anos. As causas genéticas foram informadas por 13% dos participantes e 87% dos casos de surdez estão relacionados a causas não genéticas, como a rubéola (27%), meningite (15%), complicações na gestação/parto (9%), entre outras doenças e adversidades (36%) (QUADROS et al., 2018, p. 131).

3.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E EXCLUSÃO

Ao iniciar a pesquisa, foi realizada uma investigação de todas as cidades do mapa que constavam no site do Inventário Nacional da Libras. Com isso, observei que para apenas dois estados havia dados disponíveis: Alagoas/AL e Santa Catarina/SC. Ao analisar os dados de cada estado, constatei que os dados do estado de Alagoas/AL abrangiam produções de 24 surdos, porém apenas em duas das quatro situações comunicativas descritas por Quadros et al. (2018), sendo elas: entrevista e lista de sinais (FIGURA 15). Isso me levou a descartar os dados de Alagoas/AL e restringir meu trabalho aos dados de Santa Catarina/SC (FIGURA 16).

FIGURA 15 – PLANILHA COM OS DADOS DO ESTADO DE AL

	NOME	SEXO	IDADE	1º CONTATO	FORMAÇÃO	GÊNERO - CONVERSA	TEMPO VÍDEO	GÊNERO - ENTREVISTA	TEMPO VÍDEO	GÊNERO - NARRATIV	TEMPO VÍDEO	GÊNERO - VOCABULAR	TEMPO VÍDEO
1	Rosário dos Santos Silva	MASCULINO	49	11	Superior completo			X	00:58	X	01:01	X	02:41
2	Orlando dos Santos Silva	MASCULINO	46	14	Ensino Médio Completo			X	00:32			X	02:30
3	Mário Lima Oliveira Sotinho	MASCULINO	45	10	Superior completo			X	12:26	X	02:03	X	04:43
4	Joseildo Miranda Silva	MASCULINO	46	18	Ensino Médio Completo			X	12:08				
5	Jerlan Pereira Batista	MASCULINO	33	8	Superior completo			X	13:39			X	05:02
6	Carlos Eduardo Dólego do Nascimento	MASCULINO	37	10	Superior completo			X	17:34	X	02:08	X	06:29
7	Maria Dalry Botelho Silva	FEMININO	34	3	Superior completo			X	18:32	X	01:34	X	08:02
8	Agnes dos Santos Batista	FEMININO	34	4	Superior completo			X	23:00			X	04:32
9	Jenilly Cilary Cristina do Socas	FEMININO	36	4	Superior completo			X	23:14	X	03:47	X	05:10
10	Sínia Ferreira Macedo de Barros	FEMININO	35	6	Superior completo			X	11:40			X	05:09
11	Juliana Luani de Melo Nascimento Mafra	FEMININO	33	3	Superior completo			X	20:50	X	02:25	X	06:08
12	Arnelaine Silva dos Góes	FEMININO	33	8	Superior completo			X	21:43			X	04:58
13	Perdônio Mendes da Silva	MASCULINO	54	12	Fundamental incompleto			X	06:29	X	01:06	X	07:52
14	Uirapiran do Melo Almeida	MASCULINO	65	13	Ensino Médio Completo			X	08:30			X	07:19
15	Maria Hermínia Silva de Melo	FEMININO	64	5	Ensino Médio Completo			X	17:16	X	02:50	X	08:05
16	Vera Zeneide Cabral Barros	FEMININO	72	8	Fundamental incompleto			X	14:33			X	08:55
17	Aracáuda Luciani de Melo Nascimento Brito	FEMININO	36	2	Superior incompleto			X	15:49	X	04:07	X	04:25
18	Isabel Alvim Sousa Ferreira	FEMININO	32	6	Superior completo			X	21:35			X	03:58
19	Márcia Regina dos Santos Junior	MASCULINO	32	8	Superior completo			X	27:31:00	X	04:07	X	05:05
20	André Antônio dos Santos Gomes Junior	MASCULINO	27	7	Superior completo			X	09:45			X	05:00
21	Assis dos Santos Francisco	MASCULINO	23	6	Ensino Médio Completo			X	10:31	X	01:55	X	04:02
22	Orlando do Nascimento Gomes	MASCULINO	25	4	Ensino Médio Completo			X	10:10			X	03:52
23	Douglas dos Santos Silva	MASCULINO	24	12	Superior incompleto			X	06:46			X	04:30
24	Neves dos Santos Oliveira	MASCULINO	25	7	Superior incompleto			X	11:14	X	01:21	X	05:09

FONTE: Produzida pela autora

FIGURA 16 – ESTADO PARA OS QUAIS FORAM IDENTIFICADOS DADOS EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS E ESTADO SELECIONADO PARA A PRESENTE PESQUISA



FONTE: Produzida pela autora

Os dados de SC, como se pode ver na FIGURA 17, abrangeram produções em quatro situações comunicativas, a saber, entrevista, conversação, narrativa e lista de sinais por 31 sinalizantes surdos (FIGURA 17).

FIGURA 17 - PLANILHA COM OS DADOS DO ESTADO DE SC

	NOME	SEXO	IDADE	1º CONTATO	FORMAÇÃO	GÊNERO - CONVERSA	TEMPO VÍDEO	GÊNERO - ENTREVISTA	TEMPO VÍDEO	GÊNERO - NARRATIV	TEMPO VÍDEO	GÊNERO - VOCABULARI	TEMPO VÍDEO
1	ABDELHASSAN	MASCULINO	33	5	Superior completo	X	3min57seg	X	18min05seg	X	2min03seg	X	49seg
2	FERNANDO OSCAR	MASCULINO	29	11	Superior incompleto	X	3min57seg	X	15min42seg			X	46seg
3	JOSE EDUARDO	MASCULINO	33	6	Superior incompleto	X	4min03seg	X	10min05seg			X	21seg
4	JOSELUI MATTOS	MASCULINO	35	16	Superior completo	X	4min03seg	X	18min13seg	X	3min15seg	X	18seg
5	NICOLLY DANIELU	FEMININO	16	13	Superior incompleto	X	3min05seg	X	10min05seg			X	31seg
6	KARINE INÊS	FEMININO	34	7	Superior incompleto	X	3min05seg	X	13min05seg	X	1min05seg	X	35seg
7	ALAN AGEINARIU	MASCULINO	42	6	Ereino Médio	X	2min03seg	X	ERRO VÍDEO			X	37seg
8	MARCELO BRISTOLIN	MASCULINO	16	20	Superior incompleto	X	2min03seg	X	14min05seg	X	1min05seg	X	39seg
9	CINTIA APARECIDA	FEMININO	16	8	Ereino Médio	X	2min03seg	X	7min07seg			X	39seg
10	DEBORA NASCIMENTO	FEMININO	29	6	Ereino Médio	X	2min03seg	X	10min05seg	X	1min05seg	X	47seg
11	ALESSANDRA GESSER	FEMININO	18	ERRO VÍDEO	Ereino Médio	X	3min03seg	X	12min05seg			X	39seg
12	KAROLINE QUARTI	FEMININO	25	4	Ereino Médio	X	3min03seg	X	11min05seg	X	1min05seg	X	38seg
13	EDUARDO ADÃO	MASCULINO	38	14	Ereino Médio	X	3min03seg	X	21min05seg			X	1min05seg
14	MARIO AUGUSTO	MASCULINO	39	15	Superior completo	X	3min03seg	X	23min05seg	X	2min17seg	X	78seg
15	ANA CRISTINA	FEMININO	36	ERRO VÍDEO	Superior completo	X	4min03seg	X	10min05seg			X	18seg
16	EDUARDO FERNANDES	MASCULINO	30	15	Ereino Médio	X	3min03seg	X	13min05seg	X	2min05seg		
17	MOSES GRAH	MASCULINO	46	ERRO VÍDEO	Ereino Médio incompleto	X	3min03seg	X	18min05seg				
18	ALEXANDRA MESSIA	FEMININO	39	11	Ereino Médio	X	7min05seg	X	10min05seg			X	25seg
19	LETICIA FERNANDES	FEMININO	33	22	Superior completo	X	7min05seg	X	8min05seg	X	3min05seg	X	18seg
20	DÁRIA GESSER	FEMININO	75	19	Fundamental incompleto	X	2min05seg	X	17min05seg	X	4min05seg	X	54seg
21	SÔNIA PIOLLO	FEMININO	73	13	Fundamental incompleto	X	2min05seg	X	13min05seg			X	34seg
22	JOSE FRANCO	MASCULINO	59	15	Fundamental incompleto	X	1min05seg	X	12min05seg			X	23seg
23	MARCOZ HENRIQUE	MASCULINO	64	19	ERRO VÍDEO	X	1min05seg	X	17min05seg	X	2min05seg		
24	SANDRA LUCIA	FEMININO	58	14	Superior completo	X	2min05seg	X	22min05seg			X	21seg
25	MÍHWA	FEMININO	56	8	Fundamental incompleto	X	2min05seg	X	24min05seg	X	1min05seg	X	21seg
26	MARCEL VIEIRA	MASCULINO	68	10	Fundamental incompleto	X	4min05seg	X	11min05seg			X	1min05seg
27	EDSON ADRIANO	MASCULINO	61	10	Fundamental incompleto	X	4min05seg	X	27min05seg	X	2min05seg	X	1min05seg
28	AGUSTINHA DA CRUZ	FEMININO	59	43	Fundamental incompleto	X	3min05seg	X	13min05seg			X	38seg
29	SALLEY RIBEIRO	FEMININO	ERRO VÍDEO	ASCEU SURDA E APRENDEU EM SEGU	Fundamental incompleto	X	3min05seg	X	17min05seg	X	1min05seg	X	25seg
30	WILSON CORREA	MASCULINO	66	12	ERRO VÍDEO		ERRO VÍDEO	X	21min05seg	X	51seg	X	31seg
31	LUCIANO AMORIM	MASCULINO	51	10	Superior completo		ERRO VÍDEO	X	18min05seg			X	1min05seg

Fonte: Produzida pela autora

Porém, ao analisar mais detidamente os dados do estado de Santa Catarina/SC, observei que apenas dez sinalizantes, cinco homens e cinco mulheres, apresentavam produções nas quatro situações comunicativas e, por essa razão, decidi restringir meu trabalho a eles (FIGURA 18).

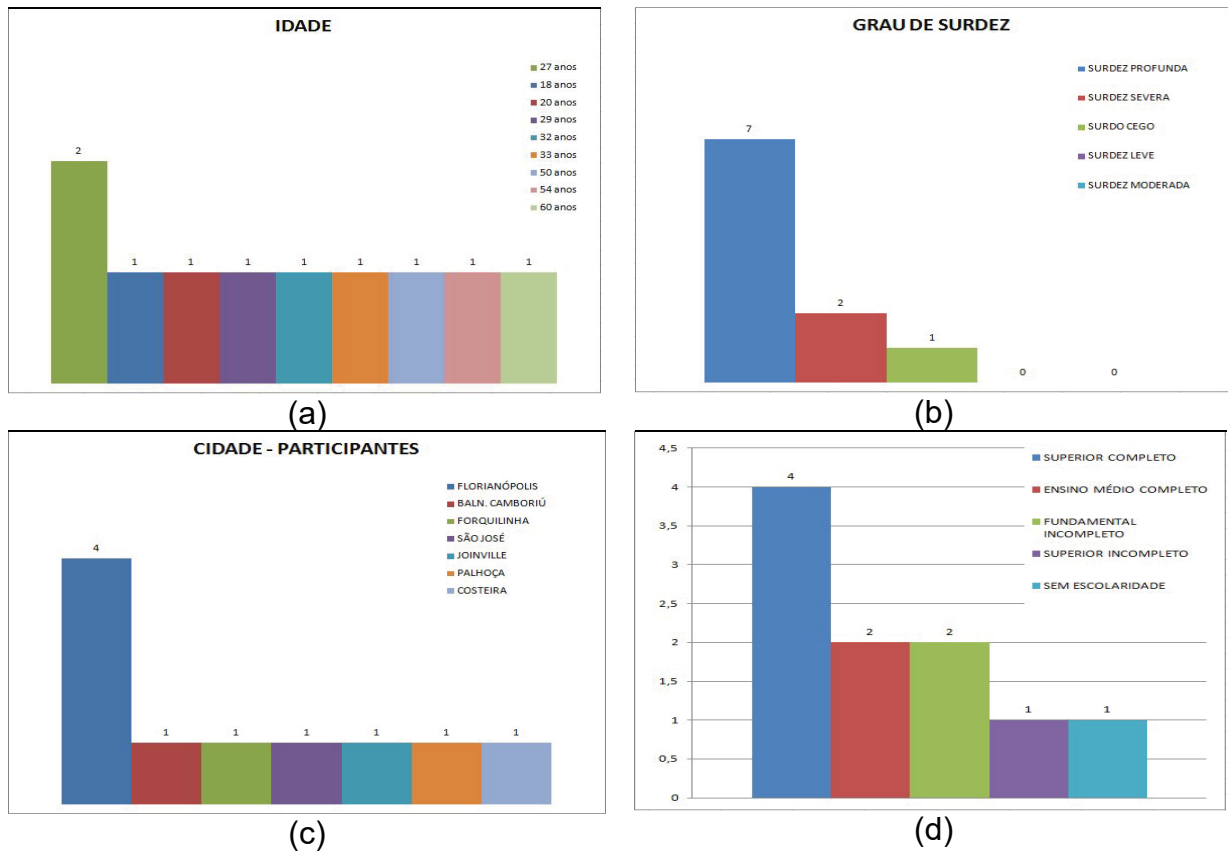
FIGURA 18 – SINALIZANTES SURDOS CUJAS PRODUÇÕES SÃO ANALISADAS NESTE TRABALHO



FONTE: Produzida pela autora

Com base nas informações encontradas no perfil de cada um desses dez sinalizantes surdos no site do Inventário Nacional da Libras, pude traçar um perfil do grupo analisado. Em relação à faixa etária, observei que os mesmos têm entre 18 e 60 anos (GRÁFICO 3a). No que diz respeito ao grau de surdez, constatei que a maioria tem surdez profunda (GRÁFICO 3b). Quanto à cidade de origem/residência, quatro são de Florianópolis. Os demais, de cidades próximas (GRÁFICO 3c). Por fim, em relação ao grau de escolaridade, quatro têm nível superior completo; dois, o ensino médio completo; dois, o ensino fundamental incompleto; um, o superior incompleto e um não tem escolaridade (GRÁFICO 3d).

GRÁFICO 3 – PERFIL DOS 10 SUJEITOS CUJAS PRODUÇÕES SÃO ANALISADAS NESTE TRABALHO



FONTE: Produzida pela autora

Por restrições de tempo, neste trabalho concentrei em três situações comunicativas: narrativas, conversações e listas de sinais. Pela mesma razão, não foram analisadas as seis narrativas disponíveis no Inventário Nacional de Libras, mas apenas uma: a “História da pera”⁴. A escolha dessa narrativa em detrimento das outras se deve ao fato de ela ter sido objeto de um trabalho que desenvolvi anteriormente (GABARDO; XAVIER, 2019).

A história da pera tem duração de seis minutos e foi produzida na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1975, pelo professor Wallace Chafe. O mesmo a utilizou para eliciar narrativas em diferentes línguas. Resumidamente, o filme começa com um homem subindo em uma árvore para coletar peras. Passados uns minutos, aparece um garoto com sua bicicleta, o qual se depara com as cestas de pera do homem. Disfarçadamente, ele rouba uma cesta e a coloca em sua bicicleta, saindo de fininho. Durante o caminho, o menino se distrai, sua bicicleta

⁴A história pode ser acessada através do link: http://pearstories.org/pears_video.htm.

bate numa pedra e derruba a cesta roubada. Com isso, aparecem três garotos que o ajudam a se levantar e a colocar todas as peras na cesta novamente. Ele vai embora numa direção e os meninos em outra. Porém, estes encontram o chapéu do menino da bicicleta que havia caído e dão um grito para chamá-lo. Eles o entregam ao menino e, em forma de agradecimento, este dá uma pera para cada um. Ao descer da árvore, o homem que coletava peras olha para as cestas e repara que está faltando uma. Logo depois, os três garotos passam por ele comendo pera. O homem os olha fixamente e, pensativo, coça a cabeça, desconfiado dos mesmos (FIGURA 19).

FIGURA 19 – IMAGENS DA “HISTÓRIA DA PERA”



FONTE: http://pearstories.org/pears_video.htm.

Dentre as conversações, selecionei apenas as relacionadas à Copa de 2014 e, dentre as listas de sinais, apenas a referente às frutas. Tal seleção decorreu do fato de que produções nessas duas situações comunicativas foram identificadas no Inventário Nacional da Libras para todos os dez sinalizantes aqui considerados. Sendo assim, as produções analisadas neste trabalho totalizaram 1h5min28s, distribuídas nas três situações comunicativas analisadas (FIGURA 20).

FIGURA 20 – SOMATÓRIA DA DURAÇÃO DOS VÍDEOS ANALISADOS POR SITUAÇÃO COMUNICATIVA

TEMPO DE VIDEO	
CONVERSA	39min 12s
NARRATIVA	20min 32s
LISTA DE SINAIS	5min 44s

FONTE: Produzida pela autora

Por conta dos objetivos de minha pesquisa, optei por não utilizar a transcrição no ELAN (*Eudico Language Annotator*), já disponibilizada no Inventário Nacional da Libras. Sendo assim, optei por transcrever eu mesma todos os vídeos selecionados, o que consumiu aproximadamente 45 dias.

3.3 CATEGORIAS DE ANÁLISES

Os sinais produzidos por cada um dos 10 sinalizantes nas três situações comunicativas aqui analisadas foram classificados, primeiramente, em relação à mão empregada em sua produção: direita ou esquerda. Na sequência, os casos de trocas de dominância identificados foram classificados de acordo com os motivos reportados por Gabardo e Xavier (2019) (FIGURA 21).

FIGURA 21 – CATEGORIAS DE ANÁLISE



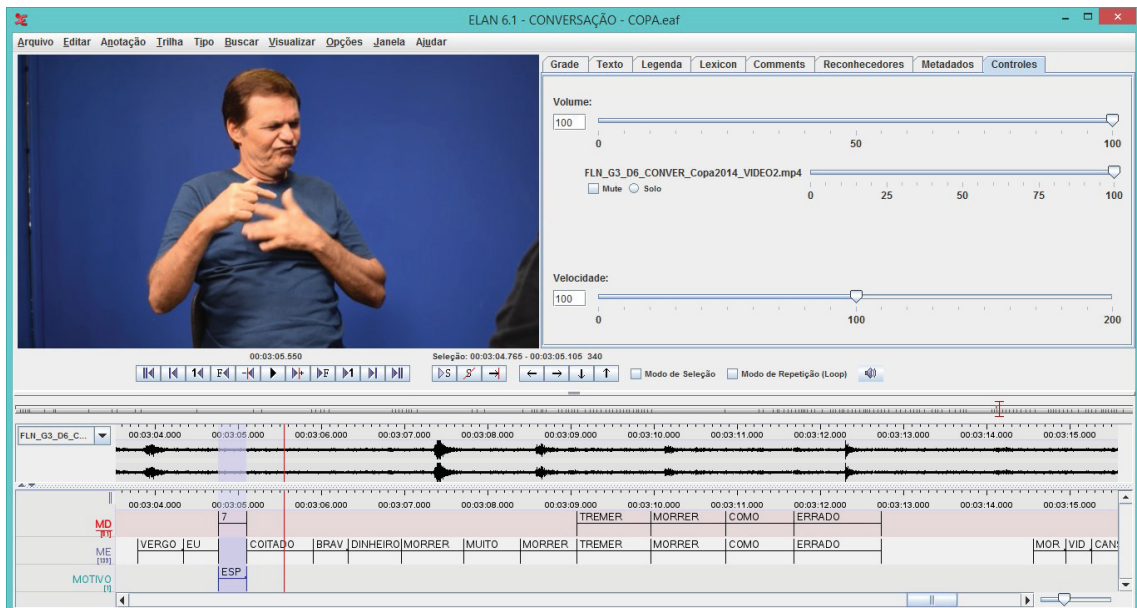
FONTE: Produzida pela autora

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES

A análise e a transcrição dos vídeos das três situações comunicativas escolhidas se deram por meio do *software* livre, ELAN⁵, o qual permite, entre outras coisas, a realização de anotações sincronizadas ao vídeo. Essas anotações foi realizada em três trilhas, a saber, MD, para anotar os sinais produzidos pela mão direita, ME, para anotar os sinais produzidos pela mão esquerda e MOTIVO, para anotar a causa da troca de dominância (FIGURA 22).

⁵Link: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/download/>

FIGURA 22 – TELA DO ELAN CONTENDO AS TRÊS TRILHAS DE ANOTAÇÃO



FONTE: Produzida pela autora

Os vídeos transcritos depois de analisados no ELAN foram recortados no Windows Movie Maker e inseridos no meu canal do Youtube, para que fosse possível apresentar nesta dissertação somente a troca de dominância com clareza e em tempo curto para os futuros leitores (FIGURA 22).

Os sinais, por sua vez, foram transcritos por meio de glosas, seguindo as convenções de Felipe e Salermo (2001, p.24), listadas no quadro 1 a seguir.

QUADRO 1 – CONVENÇÕES PARA A GLOSA DE SINAIS

	CONVENÇÃO	EXEMPLO
Nome do sinal com apenas uma palavra	Letras maiúsculas	COMO, ERRADO
Nome do sinal com mais de uma palavra	Unidas por hífen	PEGAR-CESTA, COLOCAR-CESTA
Marca de gênero	Substituída pelo @	BAIX@
Forma verbal	Uso do infinitivo	ARRUMAR, SUMIR

FONTE: Adaptada de Felipe e Salermo (2001)

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

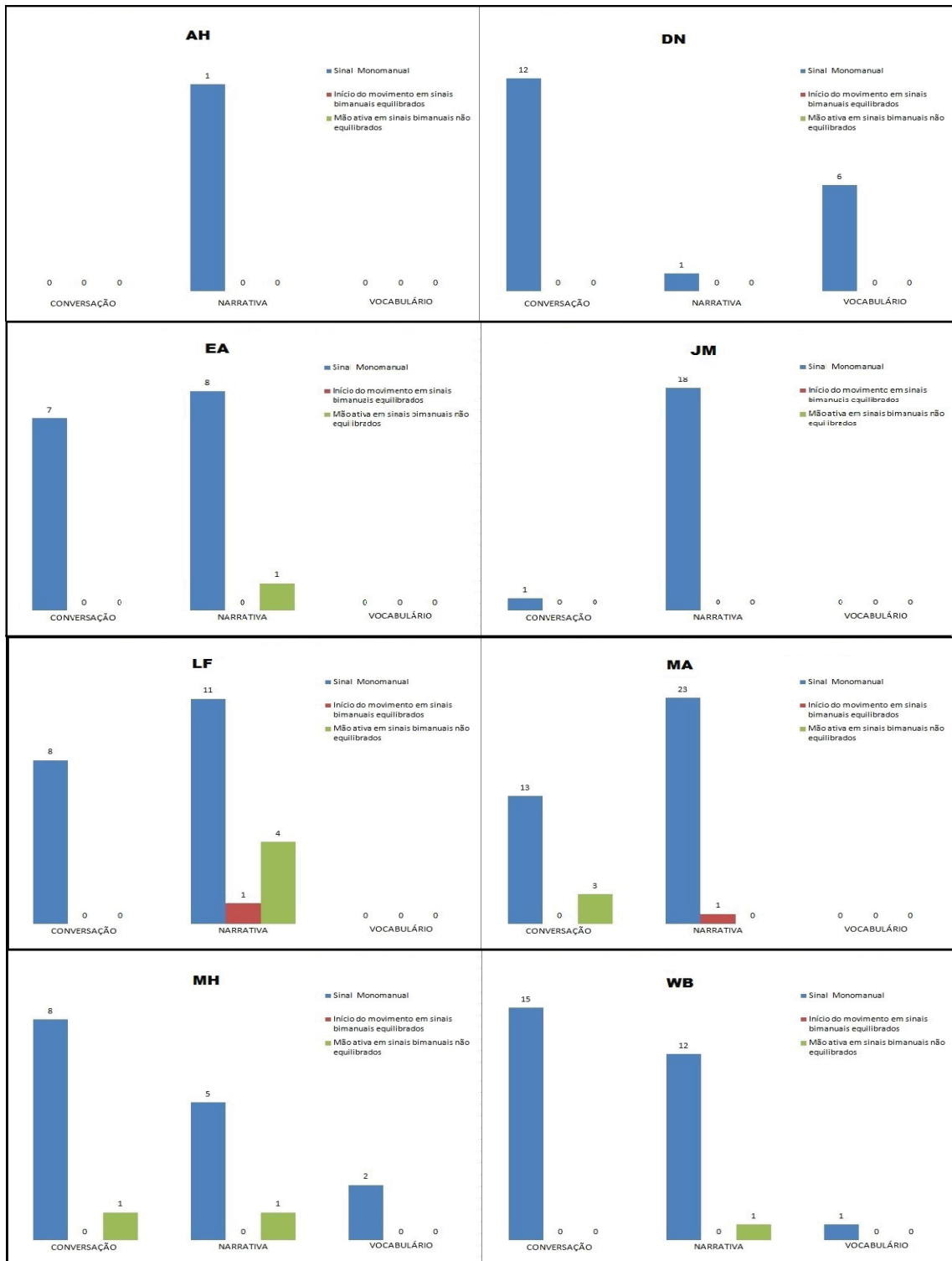
4.1 DOMINÂNCIA CEREBRAL

Foi realizado um levantamento de todos os sinais monomanuais, bimanuais equilibrados e bimanuais não-equilibrados produzidos por cada participante, objetivando determinar a mão de preferência hemisférica de cada sujeito, e, com base nisso, identificar os casos em que ocorrem a troca de dominância. Precisamente, contabilizou-se com qual mão os sinais monomanuais foram mais articulados, qual mão deu início ao movimento em sinais bimanuais equilibrados e qual mão realizou o papel ativo em sinais não-equilibrados.

Os resultados desse levantamento são apresentados no GRAFICO 4. Eles sugerem que a maioria dos participantes tem dominância à esquerda, uma vez que preferem a mão direita para realizar sinais monomanuais, para iniciar o movimento de sinais bimanuais e para desempenhar o papel ativo de sinais não-equilibrados. A única exceção foi o participante WB que empregou a mão esquerda nos mesmos contextos⁶.

⁶ Sinais bimanuais equilibrados em que ambas as mãos iniciam o movimento em conjunto ou em que a mão direita inicia o movimento foram reunidos no mesmo grupo e sua contagem contrastada com a de sinais bimanuais equilibrados com movimento iniciado pela mão esquerda. Tanto entre esses sinais, quanto entre os não-equilibrados, foram contabilizados casos de unificação, ou seja, casos em que sua realização foi apenas com uma mão.

GRÁFICO 4 – DOMINÂNCIA CEREBRAL DOS 10 SINALIZANTES CUJAS PRODUÇÕES FORAM ANALISADAS



FONTE: Produzida pela autora

4.2 MOTIVAÇÃO DA TROCA DE DOMINÂNCIA

4.2.1 Identificação dos mesmos motivos reportados por Gabardo e Xavier (2019)

Segundo Gabardo e Xavier (2019) as motivações para a troca de dominância das duas sinalizantes surdas, na narrativa “História da Pera”, foram (1) a referencialidade espacial, (2) a simultaneidade, (3) uma combinação de (1) e (2) e (4) o ambiente fonológico. Essas motivações foram também atestadas nos dados analisados neste trabalho.

Diante dos resultados reportados na seção anterior, estabeleci que a troca de dominância ocorreu para nove dos sujeitos, quando as funções típicas da mão de preferência hemisférica na sinalização foram realizadas pela mão esquerda. Apenas para um deles, WB, foi o contrário, uma vez que sua lateralidade parece ser à direita. Com isso, foram identificados 123 (71%) dos 176 casos de troca de dominância motivados pelos mesmos motivos identificados por Gabardo e Xavier (2019).

Em relação à referencialidade espacial, observei casos como o apresentado na FIGURA 23. Em 23a, vê-se que MA faz uso do espaço abstrato ou *token* e o divide em dois, estabelecendo um ponto no lado esquerdo para a referência ao Brasil e um ponto no lado direito para referência à Alemanha (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007). A troca de dominância pode ser observada no apontamento e no sinal BRASIL, realizados com a mão esquerda por MA. Já no exemplo apresentado na FIGURA 23b, como mostram as imagens, WB emprega sua mão direita, ou seja, sua mão não-dominante, para referir-se ao pequeno menino pobre, colocado, no espaço diagramático, nessa localização (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007).

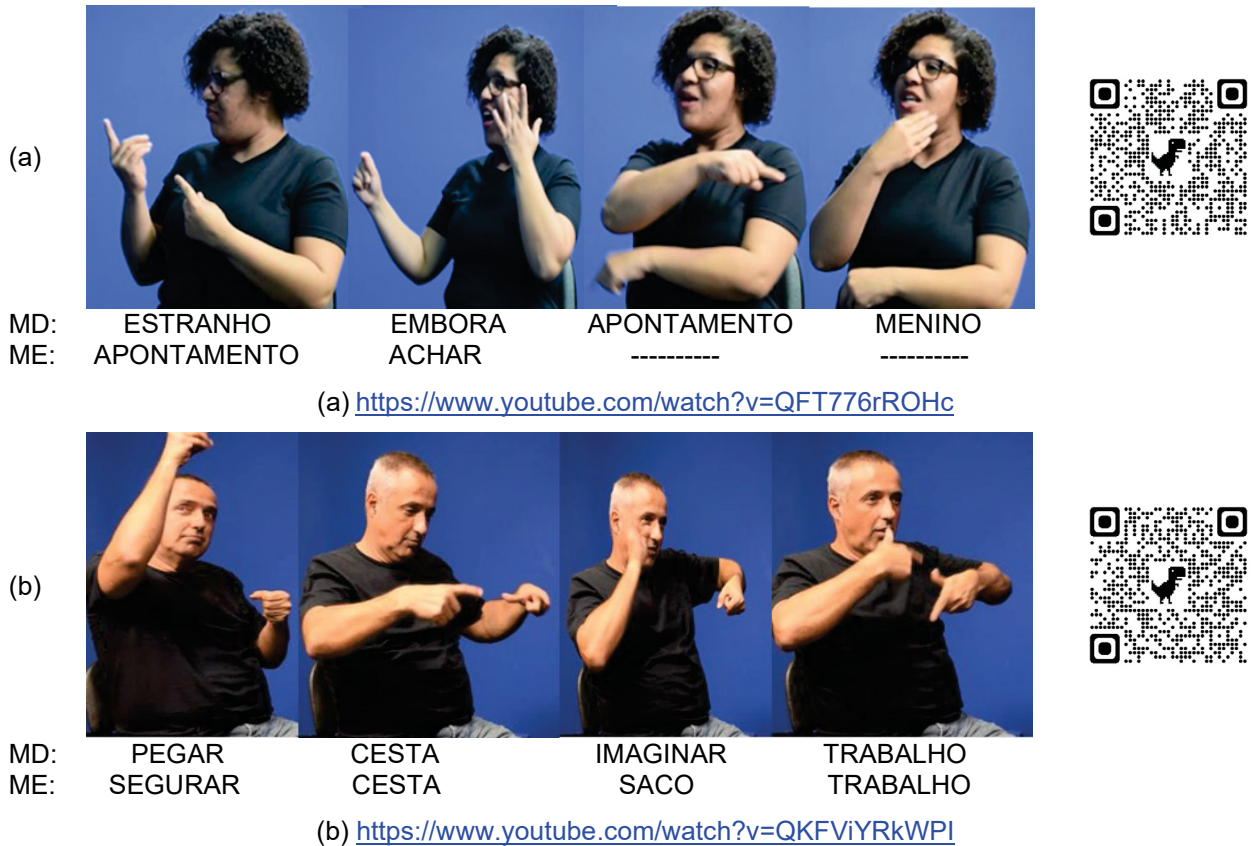
FIGURA 23 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA REFERENCIALIDADE ESPACIAL



FONTE: Extraída do corpus desta pesquisa

Já no que diz respeito à simultaneidade, ou seja, à realização de dois sinais ao mesmo tempo, um em cada mão (TANG; SZE; LAM, 2007), observei que ela atuou como motivação para a troca de dominância em casos como o da FIGURA 24a. Nessa produção, a sinalizante KI mantém a articulação do sinal EMBORA na mão direita e produz, com a mão esquerda, sua mão não-dominante, o sinal ACHAR. Já na FIGURA 24b, tem-se a produção do sinalizante EA, na qual o sinal SACO é produzido com a mão esquerda, sua mão não-dominante, em virtude de estar articulando com sua mão direita o sinal de IMAGINAR.

FIGURA 24 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA SIMULTANEIDADE

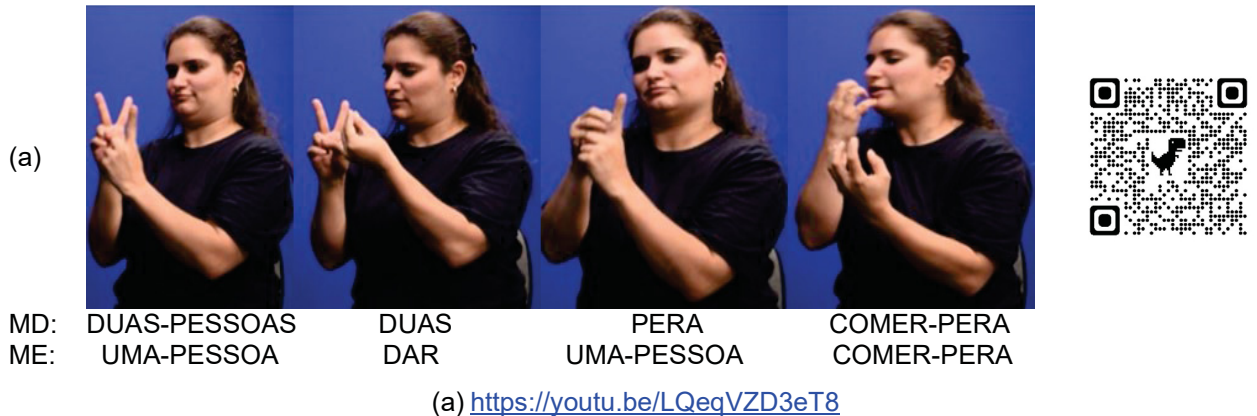


FONTE: Extraída do corpus desta pesquisa

A combinação entre a referencialidade espacial e a simultaneidade, por sua vez, foi observada, assim como por Gabardo e Xavier (2019), quando um dado sinal foi realizado pela mão de preferência hemisférica localizada do mesmo lado desta em virtude da disposição de seu referente no espaço real, topográfico ou abstrato e, conseqüentemente, por sua indisponibilidade, outros sinais tiveram de ser produzidos com a mão não-dominante. Como exemplo de casos desse tipo, cito a produção de LF (FIGURA 25a), na qual a localização do sinal DUAS-PESSOAS à direita do espaço de sinalização decorre da organização do cenário do evento descrito – espaço diagramático (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007). Precisamente, a localização dos dois meninos à direita certamente levou a sinalizante a utilizar sua mão de preferência hemisférica para a realização do sinal DUAS-PESSOAS e, por indisponibilidade desta, a realizar simultaneamente com a esquerda o sinal UMA-PESSOA e DAR. Já no exemplo produzido por JM (FIGURA 25b), a disposição do menino à direita no espaço de sinalização no momento de composição do cenário da história deve ter levado o sinalizante a manter o sinal ADMIRAR, empregado em

referência a essa personagem e realizado pela mão direita, e produzir o sinal MOVER-SE-DE-BICICLETA com a mão esquerda para se referir à menina pedalando em sua direção.

FIGURA 25 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA TANTO PELA REFERENCIALIDADE ESPACIAL QUANTO PELA SIMULTANEIDADE



FONTE: Extraída do corpus desta pesquisa

Por fim, observei casos de troca de dominância motivada pelo ambiente fonológico, precisamente, em função da ocorrência de um processo assimilatório (SILVA; XAVIER, 2022). Observei-se que a ativação da mão não-dominante parece ter levado os sinalizantes a realizar ou começar a realizar, no caso de sinais bimanuais não equilibrados, outros sinais com essa mão. O primeiro dos dois casos que apresentarei a seguir foi observado nos dados de MH. Como se pode ver na FIGURA 26a, a sinalizante produz o sinal PARABÉNS com a mão esquerda, logo após articular o sinal CONSEGUIR, também produzido com essa mesma mão. Esse caso não parece ser motivado pela referencialidade espacial, uma vez que MH empregou ambas as mãos nesse trecho para representar as ações do time campeão

da Copa. No segundo exemplo (FIGURA 26b), a troca de dominância foi observada em produções de MA. Como mostram as imagens, o sinal PERDER tem seu movimento realizado pela mão esquerda, ao que parece, em razão de esta ser a mão empregada na produção dos sinais anteriores.

FIGURA 26 – EXEMPLOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELO CONTEXTO FONOLÓGICO



FONTE: Extraída do corpus desta pesquisa

4.2.2 Identificação de motivos não reportados por Gabardo e Xavier (2019)

Além das quatro motivações para a troca de dominância reportadas por Gabardo e Xavier (2019), a análise dos dados desta pesquisa revelou duas outras. Esses casos, no entanto, representam uma parcela menor dos casos de troca de dominância identificados, uma vez que totalizam apenas oito (0,4%) dos 176 casos. Uma delas se assemelha aos casos de contraste reportados por Frishberg (1985) e Zimmer (1989). No caso ilustrado na FIGURA 27, observado na listagem de sinais, a sinalizante parece diferenciar o tipo de informação, numeração e item numerado,

pela mão empregada para articular os sinais correspondentes. DN sinaliza os sinais numerais com sua mão não dominante, a esquerda, e sinaliza, na sequência, os sinais que designam as frutas com a mão de preferência hemisférica, a direita.

FIGURA 27 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELO CONTRASTE



MD:
ME:

CINCO

KIWI
KIWI

FONTE: Extraída do corpus desta pesquisa
<https://youtu.be/qZgcuJbRrMc>

A segunda motivação para a troca de dominância não reportada por Gabardo e Xavier (2016) diz respeito à indisponibilidade da mão de preferência hemisférica por razões extralinguísticas. Essa indisponibilidade foi objeto de estudo de Xavier (2014) em que analisou a produção de sinais bimanuais da Libras quando uma das mãos está executando atividades como segurar o volante do carro ou o balaústre do ônibus. O autor documenta uma série de estratégias adotadas pelos sinalizantes, além da mais óbvia que consiste justamente em produzir tais sinais com apenas uma mão. Na FIGURA 28, vê-se uma situação de indisponibilidade análoga, mas aqui motivando a troca de dominância. Como indicam as imagens, o sinalizante WB está com seu braço dominante dobrado e em repouso em sua barriga. Isso deve tê-lo levado a empregar a esquerda para produzir o sinal ACABAR.

FIGURA 28 – EXEMPLO DE TROCA DE DOMINÂNCIA MOTIVADA PELA INDISPONIBILIDADE DA MÃO DE PREFERÊNCIA HEMISFÉRICA

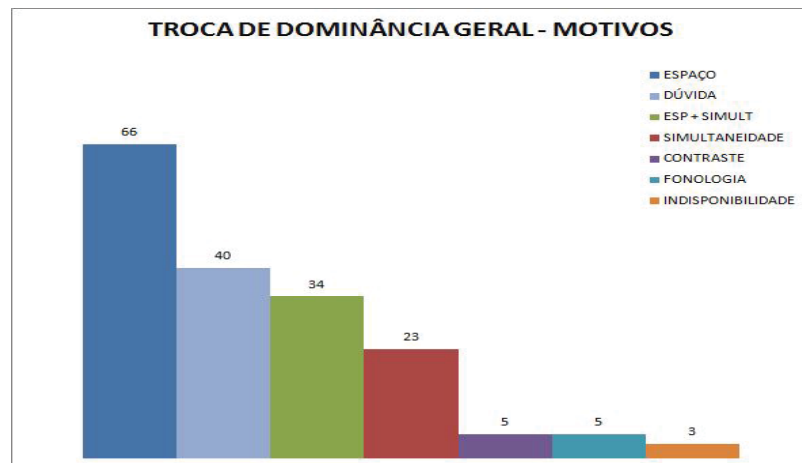


MD:
ME: ACABAR

FONTE: Extraída do corpus desta pesquisa
<https://www.youtube.com/watch?v=5INMDGXfMy8>

Somando essas duas motivações com as quatro discutidas e exemplificadas na seção anterior, abrangem-se 60% dos dados analisados neste trabalho. Para 40% deles, no entanto, não foram identificadas motivações claras para troca de dominância (Gráfico 5). Por essa razão, elas foram classificadas em nossos dados como “dúvidas”, conforme será discutido e exemplificado na próxima seção.

GRÁFICO 5 – FREQUÊNCIA DA TROCA DE DOMINÂNCIA POR MOTIVAÇÃO



FONTE: Produzida pela autora

4.3 DÚVIDAS

Como dito na seção anterior, para 40% dos casos de troca de dominância analisados neste trabalho, não foi possível determinar sua motivação. Para ilustrar esses casos, cito o exemplo da FIGURA 29. Nele, a realização do sinal EU não

parece ser motivado nem pela referencialidade espacial, nem pela simultaneidade, nem por uma combinação desses dois motivos, nem pelo ambiente fonológico, nem por contraste, tampouco por indisponibilidade de mão de preferência hemisférica. É possível, no entanto, que esses casos possam ser tratados como estilísticos, como menciona Zimmer (1989). Considerando a pequena quantidade de dados que analisei de cada sujeito, opto por deixar essa questão em aberto para estudos futuros.

FIGURA 29 – TROCA DE DOMINÂNCIA COM MOTIVAÇÃO NÃO CLARA



MD:	FUTEBOL			
ME:	FUTEBOL	EU	VONTADE	SILÊNCIO

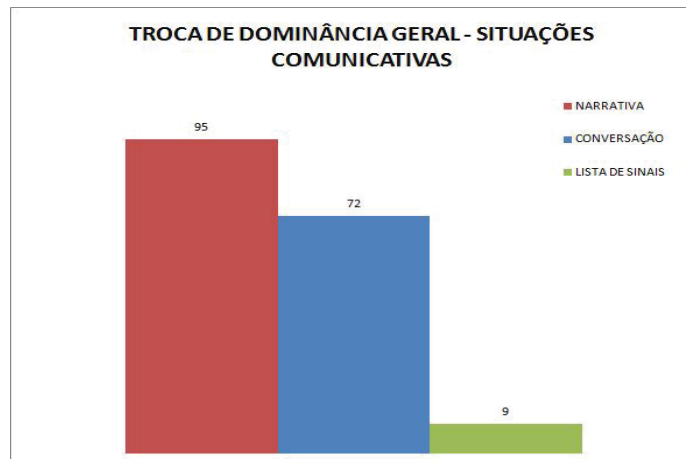
FONTE: Produzida pela autora

https://www.youtube.com/watch?v=x5kDx_Becw

4.4 A TROCA DE DOMINÂNCIA EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS

Após a análise das motivações para a troca de dominância, classifiquei as ocorrências desse processo por situação comunicativa, a saber, narrativa, conversação e lista de sinais. Os resultados obtidos até aqui indicam um maior número de casos de troca de dominância quando os sinalizantes estavam narrando a história da pera e uma menor frequência desse mesmo processo quando estavam listando sinais (GRÁFICO 6). Nesse sentido, o presente trabalho relativiza os achados de Gabardo e Xavier (2019), uma vez que sugere variação na ocorrência da troca de dominância de acordo com as situações comunicativas em que os sinalizantes estão engajados.

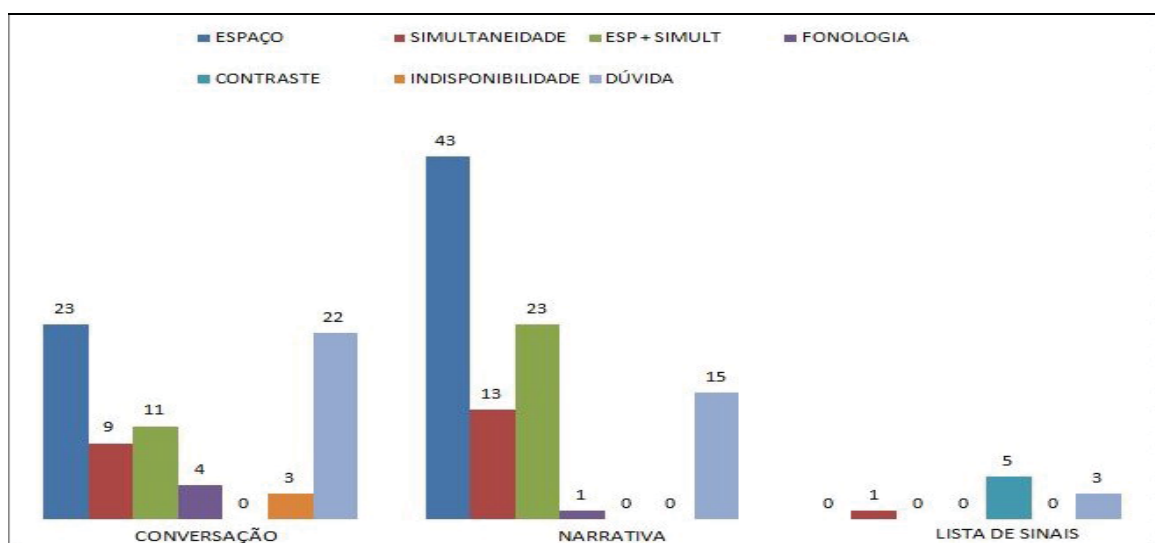
GRÁFICO 6 – CASOS DE TROCA DE DOMINÂNCIA POR SITUAÇÃO COMUNICATIVA



FONTE: Produzida pela autora

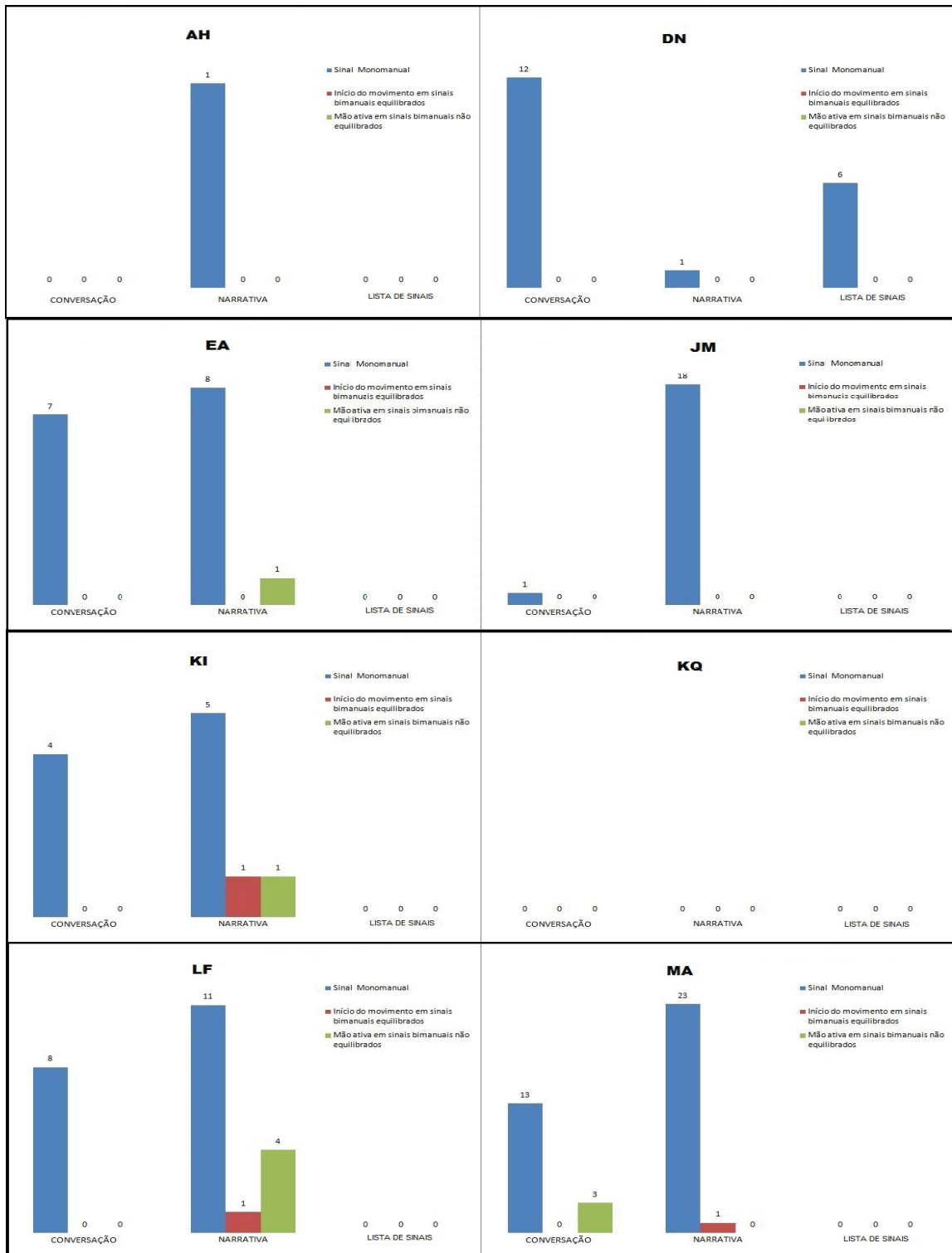
Ao mesmo tempo, este estudo relativiza os resultados obtidos por Zimmer (1989), cuja análise se baseou nas produções de um único sinalizante, justamente em razão de se basear em dados de dez sinalizantes surdos. Com isso, foi possível observar (1) a frequência de ocorrência de cada motivação para a troca de dominância em diferentes situações comunicativas (GRÁFICO 7), bem como a frequência desse processo por sujeito e por tipo de sinal (monomanual, bimanual equilibrado e bimanual não-equilibrado) nas três situações comunicativas aqui consideradas (GRÁFICO 8).

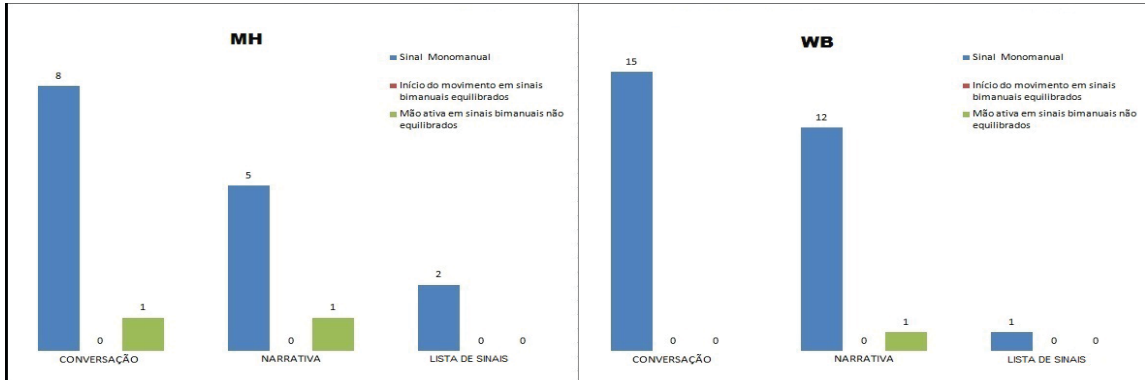
GRÁFICO 7 – MOTIVAÇÕES PARA A TROCA DE DOMINÂNCIA POR SITUAÇÃO COMUNICATIVA



FONTE: Produzida pela autora

GRÁFICO 8 – TROCA DE DOMINÂNCIA POR SINALIZANTE E TIPO DE SINAL





FONTE: Produzida pela autora

Com essa análise foi possível observar que os sujeitos variaram em função da frequência com que realizaram troca de dominância por situação comunicativa e por tipo de sinal. Há sinalizantes como MH e WB que apresentaram troca de dominância em todas as situações comunicativas e, como esperado, com maior frequência na narração. Há, no entanto, sinalizantes como KQ, que não apresentaram esse processo em nenhuma situação comunicativa e com nenhum tipo de sinal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS

O objetivo deste estudo foi investigar a troca de dominância na libras em diferentes situações comunicativas, partindo das motivações já identificadas por Gabardo e Xavier (2019). Para isso, o estudo analisou as produções de dez sinalizantes surdos, cinco homens e cinco mulheres, residentes no estado de Santa Catarina em três situações comunicativas, a saber, narração da História da Pera, conversa sobre a Copa de 2014 e lista de sinais referentes a frutas. Esses dados são oriundos do Inventário Nacional da Libras (QUADROS et al. 2018).

A partir da contagem da frequência de uso das mãos na articulação de sinais monomanuais, no início do movimento de sinais bimanuais equilibrados e no desempenho do papel ativo de sinais bimanuais não-equilibrados, foi possível identificar qual é a mão preferida dos sinalizantes e, assim, identificar os casos de troca de dominância. Como resultado, observei que dos dez participantes, nove têm como mão preferida para a sinalização a mão direita, enquanto apenas um tem como mão preferida a esquerda.

Nos casos examinados, foram identificadas, ao todo, seis motivações para o uso da mão não-dominante no desempenho de funções típicas da mão de preferência hemisférica. Quatro delas já haviam sido documentadas por Gabardo e Xavier (2011), a saber, (1) a referencialidade espacial, (2) a simultaneidade, (3) uma combinação de (1) e (2) e (4) o ambiente fonológico, e duas outras, (5) contraste e (6) indisponibilidade da mão de preferência hemisférica, identificadas na presente pesquisa.

A motivação mais frequente foi a referencialidade espacial, ou seja, aquela com base na qual a troca de dominância se dá em virtude da localização do lado da mão não-dominante de um dado referente no espaço real, topográfico ou abstrato (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007). A segunda mais frequente foi aquela que resulta de uma combinação da referencialidade espacial com a simultaneidade, isto é, a co-produção de dois sinais, um em cada mão. A terceira motivação mais frequente foi a simultaneidade, neste caso, atuando isoladamente. O contraste, referente ao uso de cada mão para se referir a elementos semanticamente distintos, e a assimilação, no caso da troca de dominância, referente à produção de um determinado sinal com a

mão não-dominante porque o sinal anterior também o foi, motivaram o mesmo número de casos. Com isso, eles empataram na quarta posição das motivações mais frequentes em nossos dados. Por fim, a indisponibilidade da mão não-dominante foi a motivação menos frequente de todas.

Embora essas seis motivações abranjam 60% dos dados, 40% não parecem ter razões muito claras para a troca de dominância, tal como também observado na ASL por Zimmer (1989).

No presente estudo também foi possível observar que a ocorrência da troca de dominância variou nos diferentes tipos de sinais (monomanuais, bimanuais equilibrados e não-equilibrados), nas diferentes situações comunicativas aqui consideradas (narração, conversação e listagem de sinais), entre os sujeitos (variação intersujeito) e também nas produções de um mesmo sujeito (variação intra-sujeito em diferentes situações comunicativas). Precisamente, observei (1) que sinais monomanuais foram aqueles que mais sofreram troca de dominância, (2) que a narração foi a situação comunicativa em que o processo em questão foi mais atestado, (3) que alguns sinalizantes realizaram troca de dominância em todas as situações comunicativas, enquanto outros não realizaram esse processo em nenhuma delas e (4) que os sinalizantes não realizaram troca de dominância em mesma quantidade nas diferentes situações comunicativas.

Com isso, o presente estudo contribui com a compreensão desse processo na Libras e abre novos caminhos de investigação, a serem apontados na seção seguinte.

5.2 SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS

A partir deste estudo, considero importante que pesquisas futuras investiguem:

a. A(s) motivação(ões) nos 40% do meu corpus, para os quais, até o momento, não pude identificar;

b. As entrevistas, desconsideradas aqui por restrições de tempo. Com isso, as ocorrências de troca de dominância observadas nessa situação comunicativa poderão ser comparadas qualitativa e quantitativamente com as demais situações comunicativas que analisei;

c. A influência da destrialidade, sinistralidade e ambidestralidade dos sinalizantes na troca de dominância.

d. A influência de variáveis sociolinguísticas como região de origem, idade, gênero, idade de aquisição da Libras, escolaridade, etc, na ocorrência da troca de dominância;

e. A troca de dominância em diferentes línguas sinalizadas.

Dessa forma, imagino que um entendimento mais amplo da troca de dominância poderá ser alcançado.

6 REFERÊNCIAS

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

FELIPE, T.; SALERMO, M. **LIBRAS em Contexto** – Curso Básico – Livro do Professor/ fitas de vídeo (Vol. I e Vol II). Brasília: MEC/SEESP/FNDE, 2001.

FRISHBERG, N. Dominance relation sand discourses tructures. In: STOKOE, W. C.; VOLTERRA, V. (Orgs.) **SLR '83: Proceedings of the 3rd international symposium on sign language research**, 79–90. Rome: Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1985.

GABARDO, A. L; XAVIER, N. A. Estudo Preliminar da Troca de Dominância em Libras. **RevDia**, v. 7, n. 2, 2019. p. 70–87.

NASCIMENTO, S. G. **Lateralidade e Assimetria de Desempenho Manual em Distintas Tarefas Motoras: Estudo em Idosos Institucionalizados**. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2011.

PERNISS, P. M. Use of sign space. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Org.). **Sign Language: an International Handbook**, Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 412 - 431.

QUADROS, R. M. de; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LUCHI, M. **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Lingüístico Brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018. Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados>, acesso em 01 nov 2022.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Processos fonológicos na libras em produção de dois sinalizantes surdos. **INTERLETRAS**, v.11, n.36. Disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/interletras/conteudo/artigos/01.pdf?v=36>. Acesso em: 07 dez. 2022.

SOUZA, P. C.; SANTOS, R. S. Fonética. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Lingüística II: princípios de análise**. São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 9-31.

TANG, G.; SZE, F.; LAM, S. Acquisition of simultaneous constructions by deaf children of HKSL. In: VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (Org.). **Simultaneity in Signed Languages: Form and function**. John Benjamins Publishing Company. 2006. p.317-335.

XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2014. 146 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ZIMMER, J. Toward a Description of Register Variation in American Sign Language.
In: LUCAS, C. (Org.). **The Sociolinguistics of the Deaf Community**. San Diego, CA:
Academic Press, 1989. p. 253-272.